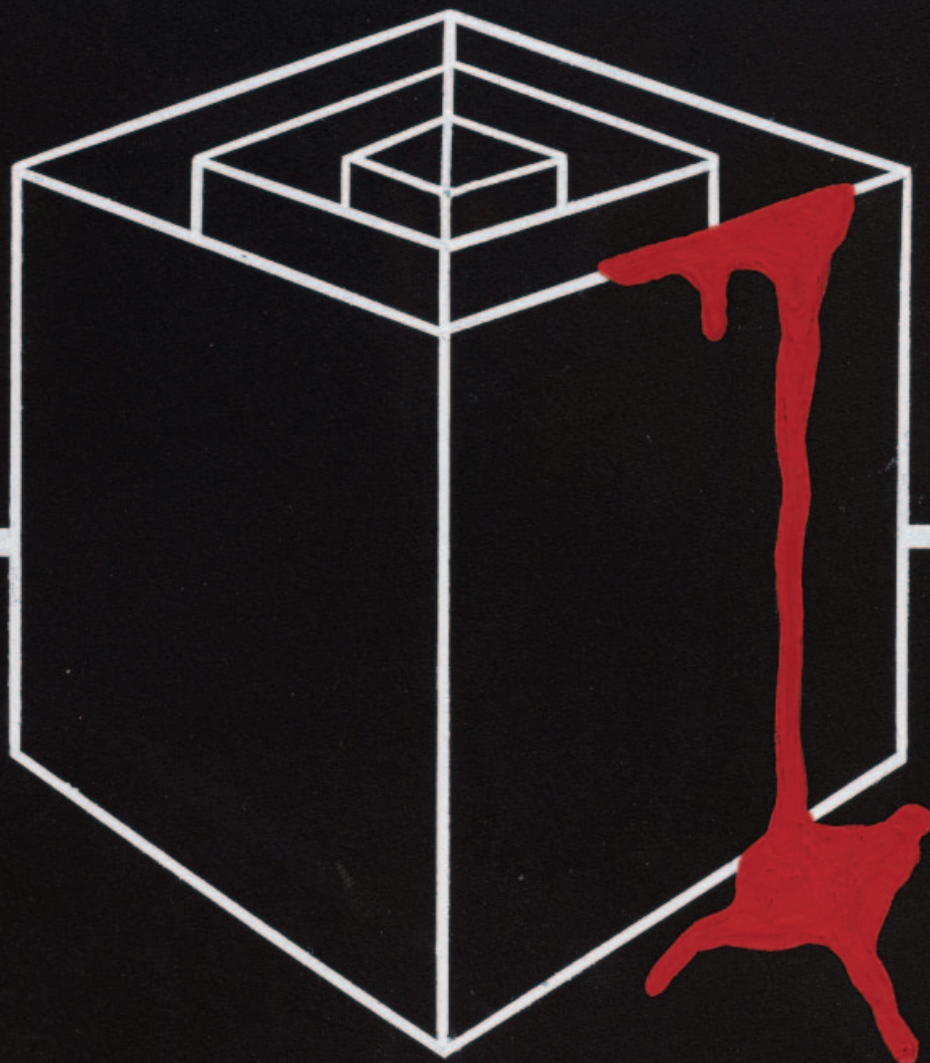


OXIGÊNIO

ABRIL 2025

o

NÚMERO 68



CARLOS ZILIO
A QUERELA DO BRASIL

EDITORIAL

AtenSão

Uma grande instalação, que desafia a percepção dos visitantes, abre a primeira retrospectiva de Carlos Zilio, *A querela do Brasil*, no Itaú Cultural, São Paulo. Composta de pedras, tijolos, cabos de aço, bomba de compressão, entre outros materiais de construção, permite que o público transite por situações de equilíbrio precário e inicie o percurso ao longo de três andares da instituição.

Com curadoria de Paulo Miyada, a mostra tem caráter cronológico e exhibe produção de Zilio nos últimos 60 anos. Os primeiros trabalhos do artista, vítima da violência durante a ditadura militar, exprimem o contexto social no qual estava inserido. Marcada por fases distintas, a obra de Carlos Zilio vai do enfrentamento político à introspecção e experimentação, sempre pautada por compromisso éticos, conectados com o seu tempo e orientados por pensamentos em relação ao mundo.

Outra retrospectiva que também exhibe uma produção pautada na resistência à opressão e na busca por uma prática verdadeiramente emancipada, é *Sérgio Ferro – Trabalho Livre*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

O arquiteto, que reformulou as bases da crítica arquitetônica, tem uma abordagem que denuncia a exploração dos trabalhadores da construção civil e propõe uma revisão estrutural da disciplina, indo além da estética e das formas para analisar a materialidade e a organização do trabalho.

Em tempos de novas discussões sobre ameaças à democracia, as duas exposições oferecem oportunidades especiais para reflexão.

Boa leitura!

Capa: Carlos Zilio, *Dia após dia*, 1970 – Exposição “Carlos Zilio: A querela do Brasil”
Foto: Daniel Mansur

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradoras: Domi Valansi

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Mulheres de Utopias* – *Show-Manifesto* defende o amor como revolução necessária para tornar o mundo melhor | *O papel de parede amarelo e EU* – Gabriela Duarte estreia solo inspirado na obra de Charlotte Perkins Gilman | *Violeta Parra em Dez Cantos* – Musical em homenagem à cantora e compositora chilena estreia no Teatro Glaucio Gill, em Copacabana | *Porto Alegre em Cena* chega ao CCBB RJ com produções teatrais gaúchas

14

MATÉRIA DE CAPA: Retrospectiva de Carlos Zilio no Itaú Cultural SP

20

Clima Extremo no Centro Cultural da PGE-RJ

25

Encontro / Confronto – Hêlio Oiticica e Waldemar Cordeiro na Pinakothek São Paulo

30

Utopias Botânicas, de Fernanda Froes

36

MASP abre novo prédio com cinco exposições

42

Saudade do mundo Pequeno, de Luiz Zerbini, inaugura A.Galeria, novo espaço expositivo em Florianópolis, SC

46

Infinito – Jorge Guinle: Pinturas inéditas do artista em exposição na galeria Simões de Assis, SP

50

Instituto Tomie Ohtake abre calendário expositivo com duas mostras: *Patricia Leite – Olho d'Água* e *Coleção Vilma Eid – Em Cada Canto*

54

Vik Muniz – Dinheiro Vivo

59

Grafismos de Pequenas Singularidades – Exposição no Sesc Teresópolis explora o conceito de identidade através da obra de cinco artistas do Rio de Janeiro

63

Sérgio Ferro – Trabalho Livre

66

Adriana Varejão inaugura três exposições internacionais no primeiro semestre deste ano

72

O Rio é uma cachaça



Foto: João Sampaio

MULHERES DE UTOPIAS – SHOW-MANIFESTO. Peça defende o amor como a revolução necessária para tornar o mundo melhor

Espetáculo reverbera as vozes de artistas como Dolores Duran, Dona Ivone Lara, Rita Lee, Cesária Évora, Liniker, Cecília Meireles, Wisława Szymborska, além de mulheres históricas como Marielle Franco, Margarida Alves, Dorothy Stang e das próprias artistas do coletivo de mulheres do Teatro de Utopias

Com o objetivo de sobreviver e resistir de modo coletivo e poético, em um mundo brutal e assustador, as mulheres do Teatro de Utopias criaram o “*Mulheres de Utopias – Show-Manifesto*”. O espetáculo faz curta

temporada na sede do grupo, localizada na Vila Romana, Zona Oeste de São Paulo, nos dias 6, 13 e 27 de abril, aos domingos, às 18h. O trabalho coletivo e processual tem direção geral, criação e atuação das

artistas Ana Maria Quintal, Eglá Monteiro, Eliane Liberato, Érika Malavazzi e Nenê Cintra, que também assina a direção musical.

A peça, as atrizes e as músicas expressam suas visões e sentimentos de mundo por meio de canções, depoimentos, poesias, danças e imagens. Elas defendem a grande Mãe-Terra, celebram a existência e o amor, evocam ancestralidades e enaltecem as lutas por igualdade e justiça social.

“Nós mulheres nos colocamos no mundo de forma amorosa, por isso acreditamos que o amor é sempre uma possibilidade revolucionária. Acho que não há outra. Ao falarmos de amor, não estamos falando de amor romântico, inventado pelo capital e pelo patriarcado, queremos esse sentimento ligado ao social, ao humanitário, amor de humanidade, todas as pessoas juntas, parceiras na mesma luta”, defende Eglá Monteiro.

“Mulheres de Utopias” é estruturado em seis blocos temáticos: *Terra, Celebração da Vida, Zeitgeist* (Espírito do Tempo), *Ancestralidade, Amor e Mulher*. Cada um deles reúne músicas que exprimem as urgências dos nossos tempos, constituindo-se como parte da dramaturgia do espetáculo.

Algumas das canções que se destacam no trabalho são *“Marielle – Mulher Semente”* (Nenê Cintra), *“Funeral*

de Um Lavrador” (Chico Buarque), *“Volver a Los Diecisiete”* (Violeta Parra), *“A Palo Seco”* (Belchior), *“Maria da Vila Matilde”* (Douglas Germano), *“Psu”* (Liniker) e *“Mulheres de Utopias”* (Eglá Monteiro).

“Construímos a dramaturgia a partir das escolhas das canções para falar de tudo aquilo que nos afeta, como a crise climática, a violência racial e de gênero, as desigualdades sociais, o clima de horror instaurado sobre o mundo, e também a vontade de celebrar a aventura grandiosa que é a vida, a amizade, o amor, os encontros e a eterna esperança de um mundo bom e justo para todas as pessoas. Na verdade, estamos em processo criativo desde 2019, sempre atualizando a obra a partir de novas urgências”, comenta Eglá.

SERVIÇO

Mulheres de Utopias

6, 13 e 27 de abril

Domingos, às 18h

Casa Teatro de Utopias

Rua Duílio, 46, Vila Romana, São Paulo / SP

Informações: (11) 94109-3191

Ingresso: Colaborativo | Valores: R\$ 60, R\$ 40 e R\$ 20

Link de compra:

<https://www.sympla.com.br/eventos?s=casa+teatro+de+utopias&tab=eventos&fbclid>

ou na bilheteria nos dias do espetáculo

Duração: 75 minutos

Da esquerda para a direita: Dolores Duran, Arquivo Nacional, domínio público; Dona Ivone Lara, Quinteto em Branco e Preto e D. Ivone Lara, Foto Natalia Bezerra; Cesária Évora, Foto Silvio Tanaka; Cecília Meireles, domínio público





Foto: Priscila Prade

A montagem é inspirada no livro *O Papel de Parede Amarelo*. Publicado em 1892, o conto de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) é considerado um marco da literatura feminista por abordar temas como o controle sobre o corpo feminino e saúde mental, que permanecem atuais. A narrativa retrata a história de uma

O PAPEL DE PAREDE AMARELO E EU

Gabriela Duarte estreia solo inspirado na obra de Charlotte Perkins Gilman

Primeiro monólogo da atriz estreia no Teatro Estúdio, SP.

Alessandra Maestrini e Denise Stoklos dividem direção em peça que combina Teatro Essencial e novos conceitos estéticos

mulher confinada em um quarto pelo marido, que desenvolve uma obsessão pelo papel de parede. A peça, entretanto, vai além do conto de Gilman e traz o posicionamento da própria Gabriela como mulher.

O espetáculo é um manifesto, e vai além do aprisionamento da personagem. *“Todos sonhamos com o desligamento das questões opressivas que o texto traz de formas metafóricas, mas que nós conhecemos em diferentes níveis na sociedade atual. É um espetáculo muito contemporâneo”*, afirmam as diretoras Alessandra Maestrini e Denise Stoklos.

UMA OUTRA GABRIELA

Gabriela Duarte vinha gestando a ideia de fazer um monólogo há três anos – *“eu queria fazer algo em que*

eu pudesse falar um pouco de mim e da minha busca por identidade” – e revela que se apaixonou pelo conto porque encontrou nele as características que queria comunicar. “Eu acho que quando uma mulher fala de si, ela acaba falando de todas. E é aí que o tema se amplia”.

Para a atriz, o espetáculo não é uma conversa só de mulheres, mas uma oportunidade de abrir o diálogo e convidar os homens para a reflexão.

“A peça é política na medida certa, com toques de humor, ternura e poesia”, diz Gabriela, ao ressaltar que depois de quase 40 anos de profissão, havia o desejo de explorar caminhos ainda não percorridos. “O público conhece a Gabriela da TV que fez muitas mocinhas, muito drama, o que eu agradeço. Agora eu quero explorar novas possibilidades e que as pessoas possam ver a Gabriela que também consegue se divertir”, conta.

No monólogo, a atriz também explora seu lado cômico. *“Acho poderoso saber como rir de situações difíceis, e Alessandra traz essa visão para os ensaios. Não diria que é um riso de humor escancarado, mas um riso consciente, de perceber que as coisas podem mudar”,* conta Gabriela.

DUAS DIRETORAS, UMA DIREÇÃO

A parceria Maestrini e Stoklos traz ao público, além do mergulho nas diversas camadas do texto e da performance, um novo conceito estético, que brota do limiar entre a instalação, a performance, a dança e o teatro.

Alessandra Maestrini acompanha o trabalho de Denise Stoklos há 30 anos; sua direção se identifica com o Teatro Essencial, linguagem teatral criada por Denise e que valoriza a expressividade do ator por meio do corpo, voz e mente, com o mínimo de recursos externos possível. Segundo Denise, *“Alessandra tem um olhar muito agudo, um ritmo rápido de direção e uma*



Foto: Priscila Prade

escuta bastante diferenciada. Ela emprega os conceitos do Teatro Essencial de forma inovadora e acrescentadora, nos melhores sentidos”.

CENOGRAFIA

A cenógrafa Márcia Moon criou um ambiente minimalista e simbólico, com diferentes tipos de papel que interagem com o corpo da atriz. *“Ele foi pensado para destacar o caráter universal do texto, tanto no tempo quanto no espaço, mostrando como continua relevante para diferentes gerações”,* diz Moon.

SERVIÇO

O papel de parede amarelo e EU – Gabriela Duarte

Até 1º de junho

Teatro Estúdio

Rua Conselheiro Nébias, 891, Campos Elíseos, São Paulo / SP

5 minutos da estação Santa Cecília do Metrô

O café e a bilheteira abrem 2 horas antes do início do espetáculo

Dias/Horários: sextas, às 21h, sábados, às 20h e domingos, às 18h

Duração: 60 minutos | *Classificação etária:* 12 anos

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60

Vendas <https://bileto.sympla.com.br/event/103211>

Acessibilidade: O teatro conta com rampas de acesso, banheiros adaptados e espaços exclusivos para cadeirantes.

“VIOLETA PARRA EM DEZ CANTOS”

Musical em homenagem à cantora e compositora chilena estreia no Teatro Glaucio Gill, em Copacabana



Foto: Dalton Valério

Violeta Parra foi a primeira artista latino-americana a ter uma exposição individual no museu do Louvre e é autora de “Gracias a la Vida”, reconhecida como uma das mais belas canções de todos os tempos

Violeta Parra (1917-1967) é uma das vozes mais sensíveis e competentes que cantaram a história da América Latina. Muitas das composições da artista chilena são comprometidas com a luta dos oprimidos e contra a injustiça social, e foram gravadas por Mercedes Sosa, Elis Regina, Milton Nascimento, entre outros grandes nomes. A vida e obra da compositora, cantora, poeta, ceramista, bordadeira e artista plástica – marcada pela valorização da cultura latina e pelo combate às injustiças sociais – é tema do espetáculo *“Violeta Parra em dez cantos”*.

Com texto de Luís Alberto de Abreu, direção de Luiz Antônio Rocha, atuação de Rose Germano e direção musical de Aline Gonçalves, a peça é a segunda parte de uma trilogia concebida pela atriz e pelo diretor sobre mulheres latinas, iniciada com *“Frida Kahlo, a deusa tehuana”*, em cartaz desde 2014. A terceira produção vai homenagear uma brasileira.

Nascida de uma família com poucos recursos econômicos, Violeta foi uma autodidata, cantora e tocadora de violão desde os nove anos. Abraçou a carreira musical definitivamente aos 15, e foi uma das importantes pesquisadoras de ritmos, danças e canções populares chilenas, chegando a catalogar cerca de 3 mil canções tradicionais. A atriz Rose Germano nasceu na Paraíba, num lugarejo chamado Riacho do Meio e traz toda a força e a luta das mulheres nordestinas. As duas histórias se entrelaçam, traçando paralelos entre a vida da atriz e da artista chilena, abordando temas como a valorização dos povos oriundos de outras culturas, a difusão da cultura latina, a vida, o amor e a morte.

“Violeta Parra, a ‘peregrina que não cabia dentro de si’, teceu o próprio destino com a sua capacidade de criar, interagir e compilar a sua cultura para dar voz aos esquecidos”, lembra Rose Germano. “Assim como ela, tantas outras mulheres artistas brasileiras, como Tarsila do Amaral, Clarice Lispector e Maria Carolina de Jesus, são símbolos de extrema importância na cons-



trução de uma identidade feminina própria, pois saíram do papel de figura representada para produzir arte, romper paradigmas e escrever a própria história. Ao relembarmos a vida e a grande obra de Violeta Parra, homenageamos muitas outras mulheres à frente do seu tempo”, completa.

Em 2014, o diretor Luiz Antônio Rocha e a atriz Rose Germano iniciaram um estudo sobre a importância da mulher latina. Grandes artistas contribuíram para a mudança de pensamento e de comportamento na sociedade de hegemonia masculina que até hoje silenciam vozes femininas. *“Levamos ao público o contato com a cultura chilena que tanto se assemelha a nossa. O autor, Luís Alberto de Abreu, foi muito feliz em trazer uma abordagem crítica e contemporânea sobre a contribuição cultural de Violeta Parra para a América Latina tendo na figura da artista a expressão de uma arte decolonial. Quando trazemos a voz de uma mulher latina como protagonista, estamos trazendo à luz a cultura latina que, durante muitos anos, foi apagada pela imposição de uma cultura que não é genuinamente a nossa, mas dos nossos colonizadores”*, conta o diretor Luiz Antônio Rocha.

“A obra da multiartista Violeta Parra é fundamental na estruturação dos povos latino-americanos, nos encanta pela diversidade de temas e estilos, em suas narrativas sonoras. Decolonial, Violeta explorou em suas composições a sonoridade de instrumentos como o charango, a quena, o bombo leguero e o guitarron chileno, que colore seus sons com cores dessa terra. Reencontrar-se com essa música é reencontrar-se com esses caminhos que contornam nossa América”, avalia a diretora musical Aline Gonçalves.

SOBRE VIOLETA PARRA

Violeta Parra é uma das artistas mais importantes da história do Chile. Compositora, cantora, poeta, ceramista, bordadeira, artista plástica e intérprete de suas canções. Realizou um profundo e importante trabalho de promoção da arte chilena, de suas raízes, da arte popular autêntica que, naquele tempo, se costumava denominar "folclore". Foi a primeira artista latino-americana, entre homens e mulheres, a ter uma exposição individual no museu do Louvre. Violeta conhecia na pele a sonoridade do povo Mapuche e dos cam-

poneses do interior do Chile. Conhecia a sabedoria daquela arte espontânea que, com sua criatividade, deu voz, corpo e brilho.

Sua música é fruto das sonoridades do campo, da natureza e dos povos originários. Percorreu a Europa com suas canções, morou em Paris e Argentina, escreveu sua autobiografia em versos e compôs uma das mais belas canções de todos os tempos: *“Gracias a la vida”*, reconhecida como a canção do 2º milênio, que tornou-se o hino de amor a vida na voz de Mercedes Sosa e ainda hoje continua sendo gravada por artistas mundo afora. Cantores brasileiros como Caetano Veloso, Milton Nascimento, Elis Regina e Alcione também gravaram músicas de Violeta Parra.

SERVIÇO

Musical “Violeta Parra em dez cantos”

Até 25 de abril

Teatro Glaucio Gill

Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quintas e sextas-feiras, às 20h

Ingressos: R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

Duração: 1h10

Classificação Etária: 12 anos



Foto: Marcelo Estevão

PORTO ALEGRE EM CENA

chega ao CCBB RJ com produções teatrais gaúchas



Caio do Céu

Foto: André Feltes



Onde está Cassandra?

Foto: Cris Lima

O Festival promove, pela primeira vez, espetáculos fora do Rio Grande do Sul. As peças Caio do Céu e Onde está Cassandra? serão exibidos no CCBB Rio de Janeiro



Caio do Céu

Foto: Fernanda Chemale

A mais recente edição do Porto Alegre em Cena, Festival Internacional de Artes Cênicas, ocorreu entre os meses de novembro e dezembro do ano passado, encerrando-se de forma histórica. Em razão das enchentes que afetaram parte do Estado e também o setor cultural, a programação da 31ª edição foi inteiramente voltada para as produções de espetáculos do Rio Grande do Sul. A presença massiva de público em todas as sessões foi uma prova do poder transformador da arte em tempos de crise. Dentro da concepção de reconstrução, valorização e visibilidade das produções artísticas do Sul, o festival realiza uma ação inédita a partir do primeiro semestre de 2025: produções artísticas gaúchas terão apresentações marcadas para o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro.

Caio do Céu faz temporada até 20 de abril. O espetáculo conta com parte da obra do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu e traz Deborah Finocchiaro e Kiti Santos ao palco. Já o premiado espetáculo *Onde está Cassandra?* terá apresentações de 17 de abril a 12 de maio e celebra os 25 anos de carreira de Cassandra Calabouço. O elenco reúne cinco drag queens – incluindo a própria Cassandra – que resgatam a trajetória da artista. Com patrocínio master da BB Asset, ambas as temporadas ocorrerão nos teatros do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro.

O 31º Porto Alegre em Cena contou com mais de 80 espetáculos e ações culturais totalmente gaúchos e reafirmou a força e a diversidade da arte produzida no



Caio do Céu

Foto: Fernanda Baldo

Rio Grande do Sul. Foram apresentados espetáculos de teatro, dança, circo, performances e ações formativas que se desdobraram em mais de 35 locais, levando a arte a diferentes espaços da cidade de Porto Alegre. O público, estimado em 12.000 pessoas, demonstrou entusiasmo ao lotar teatros, ruas e espaços alternativos, e representou a resistência, a força e a coragem após as trágicas enchentes que assolaram o Estado e comprometeram também as produções artísticas e o setor cultural.

“A excelente iniciativa do Festival Porto Alegre em Cena de levar espetáculos gaúchos para outros Estados brasileiros, representa romper fronteiras, estreitar laços, expandir horizontes, valorizar artistas, compartilhar estéticas, pensamentos, criações e enaltecer teatro, arte e cultura em nosso país”, reforça Deborah Finocchiaro atriz do espetáculo Caio do Céu.

Já para Mac, Diretor de *Onde está Cassandra?*, a importância e o ineditismo da ação têm ainda outro significado: *“Acredito que levar espetáculos gaúchos para fora do estado neste momento pós-enchente é também um gesto importante de resistência e de reconstrução concreta e simbólica. O Festival Porto Alegre em Cena, ao abrir essas portas e sedimentar esse terreno, impulsiona a cena local e dá voz aos artistas que, assim como tantos outros gaúchos, estão se reerguendo diante das perdas, atravessando fronteiras e reafirmando em movimento nossa identidade e nossa produção artística.”*

SINOPSES

Caio do Céu – O espetáculo transpõe o universo de Caio Fernando Abreu para o palco por meio de vozes femininas, crônicas, cartas, contos, poemas, textos teatrais, música ao vivo e projeções. Traz para a cena o próprio artista, por meio de vídeos, com trechos de suas entrevistas. O roteiro prioriza parte da obra que valoriza a vida, apresentando também uma face pouco conhecida do autor: um homem vibrante e solar, que se revela desperto para o milagre da existência diante da iminência da morte – muitas vezes abordada com humor e profundidade. Quanto ao conteúdo, os textos abordam questões extremamente atuais: o mal-estar do homem que se quer livre diante de uma sociedade fraturada, conservadora e preconceituosa.

Onde está Cassandra? – Cinco Drag Queens apresentam coreografias, cenas e números de lipsync para contar a trajetória de 25 anos da Drag Cassandra Calabouço. A peça apresenta novos e importantes desdobramentos na pesquisa do hibridismo entre a linguagem da dança e a estética performativa das figuras drag queen e do universo queer. O espetáculo é recheado por imagens e sonoridades potentes e presentes no imaginário coletivo, instaurando uma atmosfera leve e divertida sem deixar de ser forte e contundente em

seus questionamentos. O título do trabalho “*Onde está Cassandra?*” é uma questão direta ao público, que tem a tarefa de descobrir quem é Cassandra no elenco que está em cena. Contudo, a pergunta também deflagra outros questionamentos: o que é drag?

SERVIÇO

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Contato: (21) 3808-2020 | cbbrio@bb.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura

Valores:

R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia-entrada), à venda na bilheteria ou pelo site bb.com.br/cultura

Caio do Céu

Até 20 de abril

Teatro II

Dias/Horários: de quarta a sábado às 19h, dom às 18h

Sessão de 11 de abril com intérprete de Libras e Audiodescrição

Onde está Cassandra?

17 de abril a 12 de maio

Teatro I

Dias/Horários: de quinta a sábado às 19h, dom às 18h e segunda às 19h

Sessão de 10 de maio com intérprete de Libras e Audiodescrição

Onde está Cassandra?

Fotos: Cris Lima





RETROSPECTIVA DE CARLOS ZILIO NO ITAÚ CULTURAL SP

*Com mais de 100 peças, a mostra **Carlos Zilio – a querela do Brasil** se estende pelos três andares da instituição. Com caráter cronológico, percorre a produção do artista nos últimos 60 anos, definida por cada fase de sua vida*

A querela do Brasil (ou o diabo e o bom Deus), 1979

Foto: Reprodução / Site do artista – <https://carloszilio.com/anos-70/>

Carlos Zilio – a querela do Brasil é a primeira retrospectiva do artista, nascido em 1944, no Rio de Janeiro. A exposição passa pelas diferentes etapas de sua obra – entre técnicas, linguagens e suportes variados – e acompanha o desenvolvimento do trabalho iniciado com uma produção politizada, durante a ditadura militar, passando por trabalhos abstratos e de experimentação em uma reflexão sobre a identidade nacional e o modernismo brasileiro, até chegar ao vazio e à ausência. Exibe, ainda, cadernos de trabalho de Zilio, nunca expostos.

“Carlos Zilio é um artista fundamental na arte contemporânea brasileira. Para entender seu trabalho artístico e intelectual, é preciso olhar para o contexto social, político e artístico no qual ele estava inserido”, observa Sofia Fan, gerente de Artes Visuais e Acervos do Itaú Cultural. *“Esta exposição é uma oportunidade para que as pessoas possam se aprofundar em sua produção, tornando-a mais acessível para um público amplo e di-*

verso. Os visitantes poderão compreender como ela se relaciona com a história recente do país e conhecer mais os diferentes movimentos artísticos com os quais o seu trabalho dialoga, da década de 1960 até hoje.”

O curador Paulo Miyada ressalta que *“esta não é uma exposição óbvia”* e diz que Zilio é um artista-cidadão *“obstinadamente inquieto ou inquietamente obstinado. Um criador comprometido com a sociedade, engajado no fortalecimento do sistema artístico e crítico ao autoritarismo”*. Em seu texto curatorial, Miyada conta que *“essa jornada teve início quando Zilio integrava uma jovem cena carioca dedicada a experimentar novas formas de expressão de suas opiniões em um país conduzido por um regime militar implantado em 1964”*.

A EXPOSIÇÃO

Atensão (com “s”, mesmo), obra de 1976, realizada por Zilio nos anos em que procurou traduzir, de um jeito sintético, o sentimento coletivo de apreensão no país,

Da esquerda para a direita: *Atensão*, 1976 (vista parcial da instalação com as obras *Por um fio* e *Sem título I, II e III*); *Atensão*, 1976 (vista parcial da instalação com as obras *Sem título*, *Contensão* e *Volume-minuto*)

Fotos: Reprodução / Site do artista – <https://carloszilio.com/anos-70/>



ocupa boa parte do piso -1. Composta de materiais de construção, como pedras, tijolos, cabos de aço, ripas de madeira, além de um metrônomo e uma bomba de compressão em metal, ela explora a tensão e a suspensão. O trabalho permite que o público transite por situações de equilíbrio precário, o que desafia a sua percepção.

No mesmo piso estão as pinturas dos anos 1990 a 2022, além dos seus cadernos de trabalho inéditos. Eles facilitam a observação de algumas etapas do seu processo criativo e se conectam com os pensamentos e formas de fazer arte.

Descendo para o piso -2, onde está reunida a produção de 1960 a 1980, encontram-se obras significativas da carreira de Zilio, como *A querela do Brasil (ou o diabo e o bom Deus)*. Acrílica sobre tela da coleção do artista, realizada entre 1979 e 1980, esta obra critica o modernismo e os estereótipos da brasilidade. Nela – fruto da tese de doutorado *A Querela do Brasil* defendida na França, em 1970 –, Zilio aponta as influências culturais europeias, negras e indígenas na constituição da arte brasileira, a partir da análise das obras de Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Portinari.

No mesmo pavimento está *Lute*, de 1967, outro trabalho emblemático de Zilio: uma serigrafia sobre filme plástico e resina condicionados em uma marmita de alumínio aberta. Ela contém um rosto amarelo de formato indefinido, onde a palavra que batiza a obra está escrita em vermelho sobre a boca. O projeto era distribuir as marmitas nas fábricas, em uma tentativa de mobilizar os trabalhadores a protestar contra o autoritarismo. Mas o artista logo percebeu que se tratava de um plano de difícil execução, tanto pela grande quantidade que deveria produzir quanto pelo período vivido. Nos tempos de repressão mais forte, Zilio ficou mais engajado na luta e na resistência do que na produção artística. O momento marcou uma ruptura voluntária em seu trabalho – forçada, em seguida, por mais dois anos devido à prisão.



Lute (marmita), 1967

Foto: Renato Parada

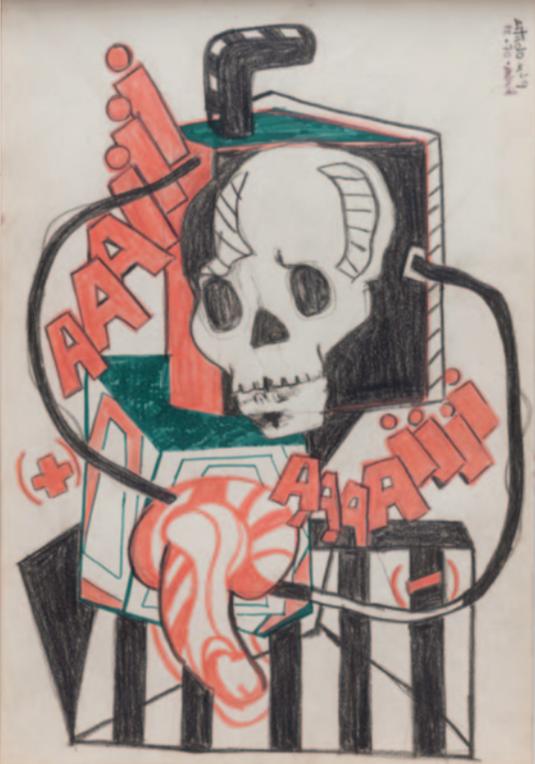
Não por acaso, nesse mesmo andar encontra-se *Auto-retrato*, uma de suas primeiras produções após sair do cárcere e retomar a sua obra. Trata-se de uma tela em vinílica e hidrocor, de 135 x 85 cm, onde se vê uma mancha vermelha disforme – bem no centro de um fundo branco – atravessada pela palavra que lhe dá nome.



Auto-retrato, 1973

Foto: Reprodução / Site do artista
<https://carloszilio.com/anos-70/>

Também no piso -2 estão 30 desenhos feitos em folhas de papel e com caneta hidrográfica, no período em que foi preso político da ditadura militar, de 1970 a 1972, no Rio de Janeiro. Eles formam uma espécie de diário do cárcere, usando elementos figurativos para abordar a repressão a que esteve submetido.



Da esquerda para a direita: *Estudo 9*, 1970; *Eu você*, 1971; *Zé*, 1970

Fotos: Daniel Mansur

OS TEMPOS DE ZILIO

A obra de Zilio é marcada por fases distintas, que vão do enfrentamento político à introspecção e experimentação, sempre pautado por compromisso éticos, conectados com o seu tempo e orientados por pensamentos em relação ao mundo.

A sua entrada nas artes começou nos anos de 1960 e foi impactada pela fase da ditadura. Nesse momento passou a expressar sua visão crítica de modo claro e rápido, com recursos retóricos gráficos, visuais e poéticos, integrado ao movimento da contracultura.

Foi após a instauração do AI-5, que restringia as liberdades no mesmo período autoritário, que ele começou a duvidar da contundência da arte e a se aprofundar no enfrentamento ao regime. Acabou sendo baleado pelos órgãos de repressão e preso por dois anos, quando passou a desenhar no cárcere com caneta em folhas de papel e até nos pratos que recebia na cela.

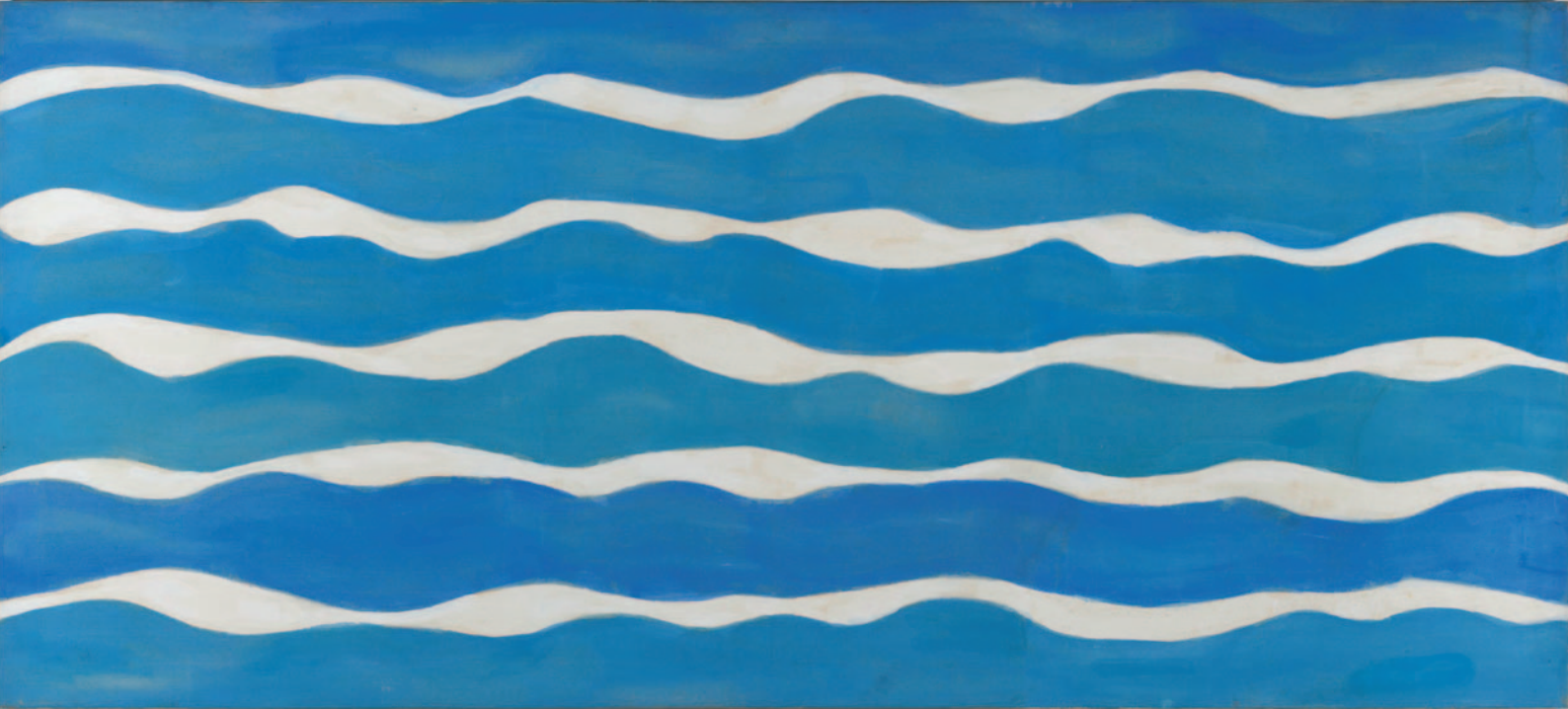
Libertado na década de 1970, Zilio experimentou recursos para produzir a sua obra de modo que pudesse circular, driblando a censura, com mensagens críticas

subliminares. Assim, buscando uma linguagem que produzisse alegorias críticas ao país, fez uso de práticas conceituais de fotografia, audiovisuais, instalações, objetos. Aqui, ele renunciou às cores e aos recursos figurativos, elaborando uma narrativa diferente da dos anos 1960. Sempre, no entanto, com um discurso permeado pela tensão, ruptura, fragilidade e incompletude que permeavam os sentimentos dos brasileiros.



Prato, 1972

Foto: Reprodução / Site do artista – <https://carloszilio.com/anos-70/>



O delírio de Thales (primeiro olhar), 1980

Foto: Jaime Acioli

Nessa mesma década, ele foi para Paris, onde estudou teoria e história da arte, ampliando sua visão artística. Voltou ao Brasil com doutorado *A querela do Brasil*, publicado em livro com o título *A querela do Brasil – A questão da identidade da arte brasileira*. Neste estudo, se debruçou no modernismo europeu e brasileiro, apontando suas promessas e falências.

A volta do exílio, do fim dos anos de 1970 para 1980, foi o momento em Zilio produziu o primeiro grande corpo de pinturas, presente na exposição, quando passou a refletir, absorver, digerir e comentar aspectos da arte brasileira e internacional, com algumas pitadas de irreverência e muita crítica.

Tamanduá e o tempo, 2009

Foto: Thales Leite



Em paralelo, o artista começou a direcionar o seu ativismo pela arte para o campo acadêmico para o qual dedicou décadas de sua vida: deu aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professor pioneiro na orientação de arte para os pesquisadores, criou disciplinas, programas acadêmicos, publicações, seminários e simpósios. Virou mestre de gerações de futuros professores, artistas e pesquisadores – não somente do Rio.

Por fim, a partir dos anos 1990, reviu o modo de fazer pintura, reduziu sua paleta cromática e privilegiou o gesto, o movimento, a escala e o ritmo. Até 2022, ano que encerra o arco da retrospectiva no IC, Zilio caminhou para o desafio de produzir o vazio, o luto, a morte e a ausência.

Com concepção e realização do Itaú Cultural, curadoria de Paulo Miyada e projeto assinado por Fernanda Bárbara, do Escritório UNA barbara e valentim, a mostra fica em cartaz até 6 de julho.

SERVIÇO

Carlos Zilio: A Querela do Brasil

Até 6 de julho

Itaú Cultural – Pisos 1, -1 e -2

Avenida Paulista, 149, próximo à estação de metrô Brigadeiro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2168-1777 | Whatsapp: (11) 96383-1663

E-mail: atendimento@itaucultural.org.br

Dias/Horários: terça-feira a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados das 11h às 19h

Entrada gratuita

A separação dos continentes, 2020

Foto: Thales Leite



“CLIMA EXTREMO” no Centro Cultural da PGE-RJ



Thiago Rocha Pitta, *Crepúsculo mineral* (Série “O pesadelo da terra”), 2022

Foto: Divulgação

Obras de Ana Calzavara, Jaider Esbell, Jeane Terra, Thiago Rocha Pitta e Vivian Caccuri retratam os desafios provocados pelos efeitos da crise climática mundial, em exposição no Centro Cultural da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, até 26 de julho. A curadoria é assinada por Cecília Fortes

Trabalhos que objetivam estimular a busca por novas formas de interação com a natureza e o meio ambiente estão reunidos em *“Clima Extremo”*. A mostra, que aborda a gravidade da degradação ambiental através do olhar das artes visuais, pretende também estimular o público a refletir sobre a construção de um futuro mais sustentável.

“Diante de tantos eventos extremos, cada vez mais presentes, faz-se necessário e urgente o debate sobre as consequências da exploração predatória dos recursos naturais pelo ser humano e a busca por novas formas de nos relacionarmos com a natureza, visando reverter o cenário atual de degradação ambiental acelerada. O Rio de Janeiro sediou em 2024 a reunião da cúpula do G20, tendo a crise ecológica entre os três principais temas debatidos. A questão con-



Ana Calzavara, *Sem título* (Série “*Algum lugar, lugar algum*”), 2019-2021
Foto: Divulgação

Ana Calzavara, *Sem título* (Série “*Algum lugar, lugar algum*”), 2019-2021
Foto: Divulgação





Jaider Esbell, Série “A guerra dos Kanaimés”, 2020

Fotos: Divulgação

tinuará em pauta em 2025, com a realização da 30ª Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Mudanças Climáticas (COP30), no Pará. Um momento propício para refletirmos sobre o assunto.” – ressalta Cecília Fortes.

SOBRE AS OBRAS

Nas pinturas da série “*Algum lugar, lugar algum*”, Ana Calzavara, retrata terras devastadas após o rompimento de uma barragem de minério da empresa Vale, em Brumadinho (MG), em janeiro de 2019. O acidente na barragem da Mina Córrego do Feijão causou o vazamento de 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério. A enxurrada de lama atingiu o centro administrativo da mineradora, a comunidade Vila Ferteco e casas na região rural de Brumadinho. A tragédia deixou centenas de vítimas fatais e desaparecidos. A Defesa Civil do estado estimou que 24 mil pessoas foram afetadas pelo rompimento da barragem.

“A guerra dos Kanaimés” (2020) é uma série de pinturas realizadas por Jaider Esbell para a 34ª Bienal de Arte de São Paulo. Em uma sucessão de cenas alegóricas, o artista e ativista indígena evoca a ideia dos Kanaimés – usualmente descritos como espíritos fatais, que provocam a morte de quem os encontra – e a projeta sobre os conflitos contemporâneos vividos pelo povo Macuxi e por seus parentes, constantemente atacados por ofensivas que visam explorar predatoriamente as suas terras.

Os trabalhos apresentados por Jeane Terra retratam Atafona, pequeno distrito à beira mar localizado em São João da Barra, na região norte Fluminense, que está sendo lentamente engolido pelo oceano Atlântico devido a devastação das matas ciliares ao longo do curso do rio Paraíba do Sul. Com seu leito assoreado e fluxo a cada ano menos impetuoso, o rio não consegue fazer frente ao mar, que vem destruindo as casas, as

calçadas e as ruas, à razão de 25 centímetros por ano. Mais de 500 casas já foram invadidas pela água em Atafona, obrigando os seus habitantes a se mudarem.

Obras da série *"O pesadelo da terra"*, de Thiago Rocha Pitta, pinturas em afresco, abordam a degradação ambiental que está em curso desde que o ser humano começou a se relacionar de forma predatória com a natureza. As pinturas desta série explicitam dramas contemporâneos, retratando o quanto a Terra foi e continua sendo explorada pelo homem. Aumento da temperatura do planeta, degelo, desabamento de terra e desertificação são algumas das consequências decorrentes da atitude exploratória do ser humano com o ambiente que o cerca.

Nas obras da série *"Mosquito Revenge"*, Vivian Caccuri reconta a história da colonização europeia do "novo mundo" com os mosquitos como personagens principais. O inseto aparece como uma força paramilitar, referindo-se ao poder da natureza tropical que é perturbada por novas estruturas artificiais. A série nasce do longo interesse da artista por histórias médicas e do estudo dos registros de doenças do século XVIII no ocidente. O tema não poderia ser mais atual. Em 2024, um surto de dengue, doença transmitida pela fêmea do mosquito *Aedes aegypti*, se espalhou Brasil afora, ultrapassando 6 milhões de casos de pessoas infectadas. Entre os principais motivos atribuídos ao crescimento significativo da doença no país estão o au-



De cima para baixo: Jeane Terra, *Abrigo Náutico* e *Abrigo Vazante*
Fotos: Divulgação

mento da temperatura nos meses de primavera e outono, resultante das mudanças climáticas.

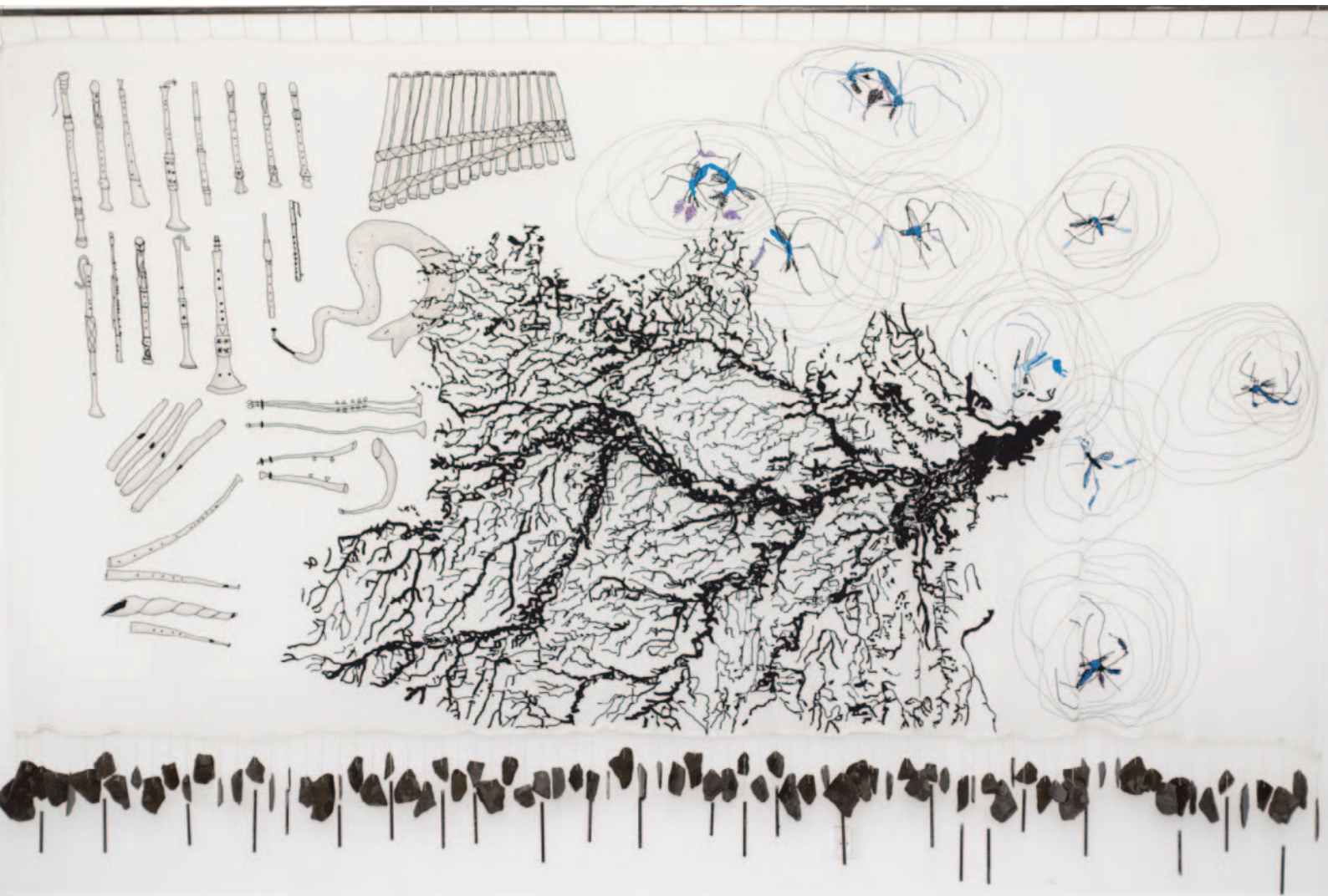
SERVIÇO

Clima Extremo – Ana Calzavara, Jaider Esbell, Jeane Terra, Thiago Rocha Pitta e Vivian Caccuri

Até 26 de julho

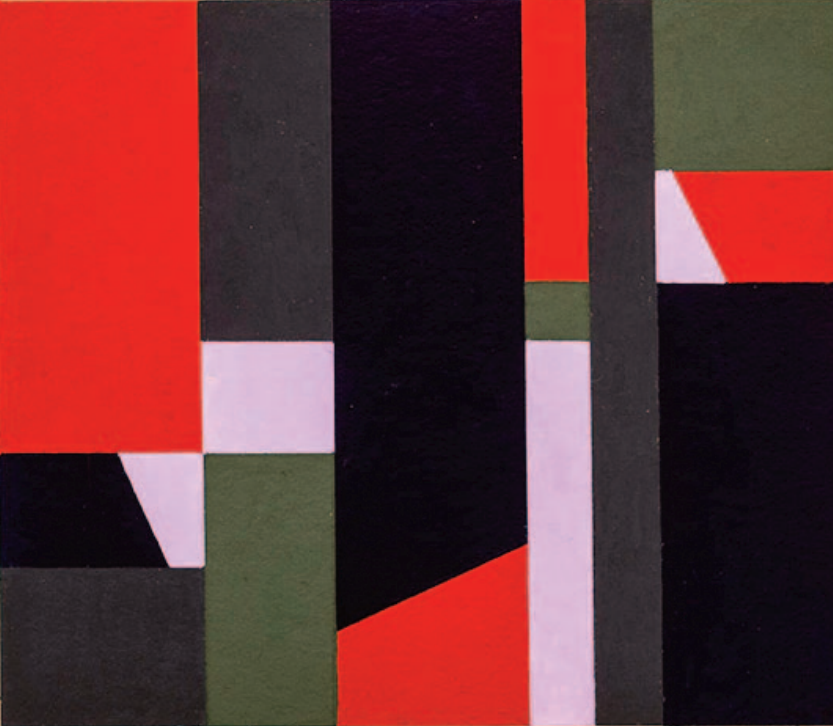
Centro Cultural da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ), antigo Convento do Carmo
Rua Primeiro de Março, S/N, Praça XV, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 10h às 18h, exceto feriados



Vivian Caccuri, obra da série “Mosquito Revenge”

Foto: Reprodução / Divulgação



Hélio Oiticica, *Grupo Frente*, 1954

Foto: Daniel Rutkauska



Waldemar Cordeiro, *Sem título*

Foto: Jaime Acioli

“Encontro/Confronto Hélio Oiticica e Waldemar Cordeiro” na Pinakothèque São Paulo

A pesquisa e os interesses que moveram Hélio Oiticica (1937-1980) e Waldemar Cordeiro (1925-1973) tiveram um paralelismo que ficou diluído ao longo do tempo. Hélio, no Rio, deflagrador do movimento neoconcreto, e Cordeiro, em São Paulo, porta-voz dos concretistas, com batalhas intelectuais formidáveis entre os dois grupos.

Ao preparar a exposição *“Opinião 65: 50 anos depois”*, em 2015, Max Perlingeiro percebeu vários pontos de contato entre os dois artistas, já apontados por Augusto de Campos (1931) ainda nos anos 1960. A fim de trazer essa reflexão para os dias de hoje, ele convidou o

artista Luciano Figueiredo, especialista na obra de Hélio Oiticica, e o curador Paulo Venancio Filho, pesquisador dos dois movimentos, para propor esta mostra reflexiva, que tem a colaboração do Projeto Hélio Oiticica e da família Waldemar Cordeiro. Analivia Cordeiro, filha de Waldemar Cordeiro, assina um texto no catálogo que acompanha a exposição, que celebra ainda o centenário de nascimento do artista.

Frente a frente, na grande sala da Pinakothèque, em São Paulo, estão 18 obras de Hélio Oiticica e 19 de Waldemar Cordeiro, provenientes de coleções públicas: Cole-



Hélio Oiticica, *Homenagem a Cara de Cavalo*, 1965-1966
Foto: Divulgação



Hélio Oiticica, *Homenagem a Mineirinho*, 1967
Foto: Jaime Acioli

ção Roger Wright, em comodato com Pinacoteca do Estado de São Paulo, e Coleção Gilberto Chateaubriand / Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e de coleções particulares.

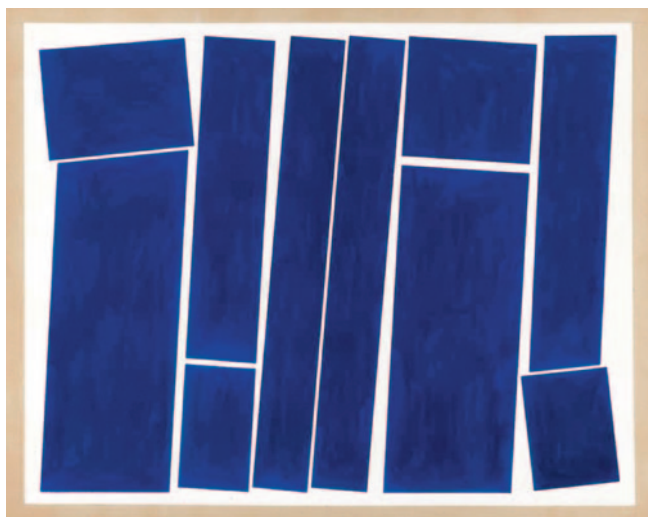
Entre os destaques estão dois “*Bólides*” de Hélio Oiticica – “*Homenagem a Cara de Cavalo*” (1965-1966) e “*Homenagem a Mineirinho*” (1967) – pinturas do Grupo Frente, “*Metaesquemas*” (1957 e 1958), “*Relevo espacial*” (c.1960), monocromos da série “*Invenções*” (1959) e a bandeira “*Seja Marginal Seja Herói*”.

De Waldemar Cordeiro, as pinturas geométricas (anos 1940-1950), pinturas e colagens (anos 1960), obras da série “*Popcreto: Popcreto para um popcrítico*” (1964), “*Dólar*” (1966) e “*Autorretrato Probabilístico*” (1967), Arteônica, e a bandeira “*Viva Maria (Canalhas)*”, de 1966). A maquete “*Projeto Cães de Caça*”, de Hélio Oiticica (*Labirinto*) e a “*Maquete do Parque infantil do Clube Esperia Marginal Tietê*”, SP, o “*Labirinto*” de Waldemar Cordeiro, completam a mostra.

CATÁLOGO

Acompanha a exposição um livro publicado pelas Edições Pinakothke, com imagens das obras expostas, fac-símiles de documentos e textos históricos, além de correspondências endereçadas a Hélio Oiticica, textos de Max Perlingeiro, Luciano Figueiredo, Paulo Venancio Filho, Analivia Cordeiro, e da única fotografia conhecida de Hélio e Waldemar juntos, sentados lado a lado em um almoço no MAM Rio. A publicação contém vários textos de

Hélio Oiticica e de Waldemar Cordeiro, os dois manifestos – *Manifesto neoconcreto* (1959) e *Manifesto Ruptura* (1952) – e uma expressiva fortuna crítica, com ensaios de Fernando Cocchiarella, Frederico de Moraes, Guy Brett (1942-2021), Aracy Amaral, Augusto de Campos e Ferreira Gullar (1930-2016), além de um texto de Analivia Cordeiro.



Hélio Oiticica, *Metaesquema*, 1958

Foto: Jaime Acioli

ORIGEM DE ENCONTROS/CONFRONTOS

Há dez anos, ao preparar na Pinakothke do Rio de Janeiro o projeto *“Opinião 65 – 50 anos”*, que relembra a histórica exposição feita pela crítica de arte Ceres Franco e o marchand Jean Boghici, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em agosto de 1965, Max Perlingeiro observou, pela primeira vez, que os dois artistas, Hélio Oiticica e Waldemar Cordeiro, tinham muitas proposições em comum. *“Os dois pensadores eram ativistas. Cordeiro lidera o Grupo Ruptura, os concretos, em São Paulo; e Hélio era do Grupo Frente, os neoconcretos, no Rio de Janeiro. Grandes divergências intelectuais, apaziguadas tempos*

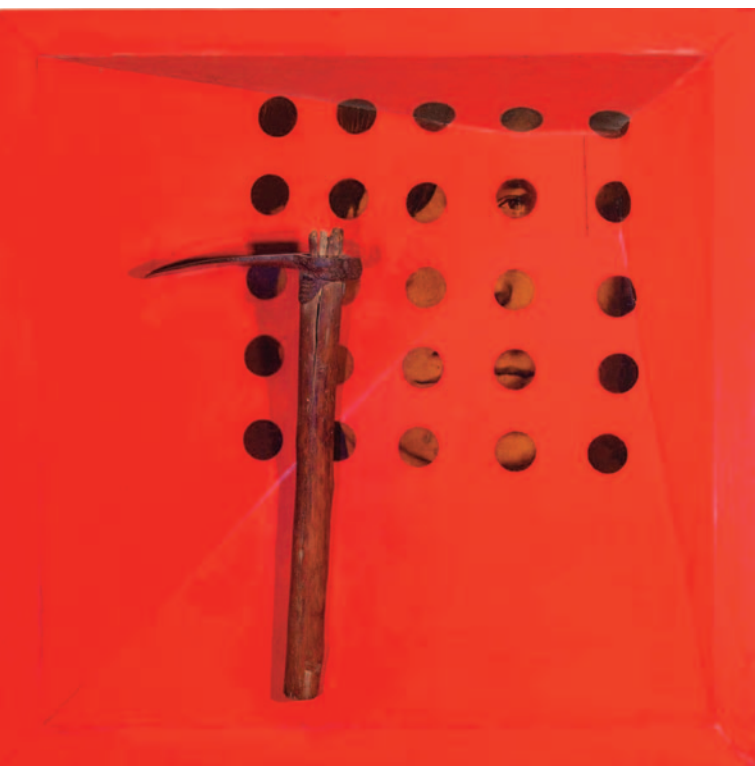
depois. Os dois artistas, apesar de se envolverem em polêmicas, não se confrontaram diretamente e sempre manteve-ram um respeito mútuo”, afirma.

Em 1965, Hélio Oiticica levou ao MAM integrantes da escola de samba Mangueira, usando seus *“Parangolés”*, com capas, estandartes e tendas. Os dirigentes do Museu expulsaram o artista e seus companheiros, que seguiram então para os jardins, acompanhados de todos os presentes. Hélio Oiticica *“gritava para todo mundo ouvir: ‘É isto mesmo, crioulo não entra no MAM, isto é racismo’”*, relatou mais tarde o artista Rubens Gerchman (1942-2008).



Waldemar Cordeiro, *Dólar*, 1966

Foto: Jaime Acioli



Waldemar Cordeiro, *Popcreto para um popcrítico*, 1964
Foto: Jaime Acioli

Em São Paulo, Waldemar Cordeiro apresentou os seus “popcretos”, na galeria Atrium, em 1964, num grande happening, com ruídos, instrumentos percussivos, leitura de textos aleatórios, “*enfim um caos*”, conta Max. “*Cacos de vidro, de espelho, pedaços de pano, pedaços de móveis e sucatas de automóveis comandavam a nova safra de objetos-dejetos entre os quais pontificava um enxadão ofensivo, cravado no corpo convexo de um quadro-escultura vermelho em pistola-pintura — popcreto para um popcrítico*”. Outro paralelismo nas pesquisas dos dois artistas são os “*labirintos*”.

Em 1966, em uma carta timbrada da Prefeitura de São Paulo, Waldemar Cordeiro convida Hélio Oiticica para



Waldemar Cordeiro, *Sem título*, 1949
Foto: Edouard Fraipont

participar do seminário e exposição “*Propostas 66*”, que pretendia “*modestamente contribuir para uma visão global e humanística da cultura de vanguarda no Brasil*”. Por sua vez, os popcretos de Waldemar Cordeiro “*chamam a atenção de Hélio*”, conta Max. “*Ele os inclui no esquema da ‘Nova objetividade’, uma exposição organizada por Oiticica para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1967, um panorama geral da arte brasileira*”. O diretor da Pinakothek aponta ainda outro ponto de encontro entre os dois artistas: as bandeiras “*Viva Maria*” (1965), de Cordeiro, e “*Seja marginal, seja herói*” (1966-1967), de Hélio.

SERVIÇO

“*Encontro/Confronto – Hélio Oiticica e Waldemar Cordeiro*”

Até 10 de maio

Pinakothek, São Paulo

Rua Ministro Nelson Hungria, 200, Morumbi, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3758-0546

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita



Waldemar Cordeiro,
Viva Maria, 1966
Foto: Edouard Fraipont



Hélio Oiticica,
*Seja marginal,
seja herói*, 1968
Foto: Jaime Acioli

UTOPIAS BOTÂNICAS, DE FERNANDA FROES

Domi Valansi





Foto: Divulgação

A artista carioca Fernanda Froes desenvolve sua produção a partir do impacto humano na natureza, o passado colonial das Américas e como esses campos se entrelaçam. A artista visual realiza pesquisas na convergência de arte, ciência e história, com um forte foco na preservação do patrimônio natural e histórico. Ao longo dos próximos meses, ela apresenta a instalação *"Utopia Botânica"*, com curadoria de Grazi Giacomo, como parte da exposição *"Mata Atlântica: In-finitos encantos"*, no Museu do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Criada especialmente para a sala de exposições temporárias, a obra recria poeticamente uma floresta fra-

gmentada de pau-brasil (*Paubrasilia echinata*). Árvore endêmica da Mata Atlântica, essa espécie esteve à beira da extinção no período colonial devido à intensa exploração de seu pigmento vermelho e permanece ameaçada atualmente.

"Este trabalho é uma reconstrução de uma floresta que vem do conceito de utopia e paraíso presentes no livro Utopia (1516), de Thomas Morus, que é não-lugar, o lugar que não existe. E também de Visão do Paraíso (1959), de Sérgio Buarque de Holanda, que traz essa visão do europeu em relação ao novo mundo, como um um território idealizado e perdido", explica a artista.

O trabalho, pensado especialmente para a mostra, é composto por sete painéis duplos feitos de pedaços de tela de algodão tingidos à mão e costurados com fios igualmente tingidos com pigmento de pau-brasil, obtido de forma sustentável e seguindo receitas históricas.

Há quatro anos, durante um mestrado em artes visuais no Miami Art Institute, seus colegas de classe começaram a perguntar muito sobre o Brasil, único país do mundo que tem o nome de uma árvore e de um pigmento. A artista então passou a pesquisar sobre a

história do Pau-Brasil – ou ibirapitanga, como denominado pelos tupis – e seu pigmento vermelho extraído do tronco (tira *“da casca”*). Usado para a produção de um corante natural para tecidos, o pigmento vermelho logo se tornou o primeiro recurso natural do Brasil exportado para a Europa por ser um item cobiçado nesse mercado. A tintura vermelha era uma cor difícil de ser obtida, o que fazia dela um símbolo do luxo.

Estima-se que milhões de toras de pau-brasil foram enviadas à Europa entre os séculos XVI e XIX, também por

Foto: Divulgação



franceses, holandeses, espanhóis e ingleses, que participaram deste comércio. Foram séculos de exploração predatória, em conjunto com o desmatamento da Mata Atlântica. Precisamos ajustar:

O pau-brasil chegou a ser considerado praticamente extinto no século XX, até que, em 1928, exemplares foram identificados por populações locais no interior de Pernambuco.

“Eu comecei a pesquisar, ler muito sobre o pau-brasil e me apaixonei por pigmentos botânicos. Então pesquisei as receitas criadas entre os séculos XVI e XIX pelos portugueses e pelos venezianos. Todo mundo queria comprar o pigmento, principalmente para tingir tecido, apesar dele também ser usado em manuscritos, em bíblias e livros, para fazer aquelas capitulares”, conta.

Em seus primeiros trabalhos, a artista usou a tinta do pau-brasil pura, retratando a planta com a própria tinta, em uma meta-linguagem. Ao descobrir as receitas para a fabricação das tintas, aprende a fazer as variações de cores que vão do vermelho intenso ao alaranjado e violeta. *“Se eles misturavam com o ácido cítrico, que é o limão, a cor ia para o amarelo. Misturando com o carbonato de cálcio ou o bicarbonato de sódio, que é o alcalino, a cor ia para o roxo. Misturando com elementos que contenham ferro, vai para o marrom preto, cinza. Então é uma paleta incrível, muito ampla”, conta.*

Fernanda começa a experimentar com essas variações e o seu trabalho foi se ampliando. A mudança também aconteceu no suporte, que passa a ser o tecido de algo-

dão, base de tingimento do período colonial até o século XIX. O resultado são obras de arte de média e grandes dimensões, painéis duplos feitos de pedaços de tela de algodão tingidos à mão e costurados com fios igualmente tingidos com pau-brasil. O pigmento é extraído de forma sustentável, a partir de podas das árvores.

Ao evocar cores, formas e a possibilidade de reimaginar futuros, a instalação convida o visitante a refletir sobre destruição, memória e reconstrução da paisagem natural.

Ao combinar saberes antigos e técnicas atuais, as obras destacam o pau-brasil como símbolo da história ecológica e cultural do país. Mais do que uma expressão artística, convida à reflexão sobre preservação, memória e os possíveis futuros da Mata Atlântica.

FLORESTA APAGADA / NOMES APAGADOS

A obra de Fernanda Froes também se desdobra na intervenção *“Utopia Botânica – Floresta Apagada / Nomes Apagados”*, (2025) na escada do Museu do Jardim Botânico. De 136,5× 810 cm, a instalação é composta de tecido de algodão, impresso dos dois lados. Em um, aparecem elementos da floresta de pau-brasil, pintados em vermelho. No outro, os diversos nomes da árvore, escritos à mão na mesma cor, em diferentes idiomas. Esses nomes representam as culturas que, ao longo dos séculos, se conectaram a essa espécie.

A medida que se observa a obra do alto até o chão, tanto a floresta quanto os nomes vão se apagando, quase desaparecendo, simbolizando a ainda atual ameaça de extinção que o pau-brasil enfrenta. Com-



Foto: Divulgação

pleta a obra um áudio no qual múltiplas vozes narram os diferentes nomes da árvore em vários idiomas.

Conforme a narração avança, as vozes começam a se sobrepor e a diminuir de intensidade, transformando-se em sussurros quase inaudíveis. Esse som evoca a perda histórica e o risco de apagamento de uma árvore que carrega um profundo significado para o Brasil.

A exposição *“Mata Atlântica: in-finitos encantos”* segue em cartaz ao longo do ano no Museu do Jardim Botânico (Rua Jardim Botânico, 1008). Funcionamento: de quinta a terça (fechado às quartas), das 10h às 17h. A entrada é gratuita.

SOBRE A ARTISTA

Fernanda Froes é uma artista visual nascida no Rio de Janeiro. Seu processo artístico geralmente começa com pesquisa iconográfica e evolui para pintura, arte têxtil e gravura. Froes incorpora pigmentos históricos como

pau-brasil, índigo e mangue, o que conecta profundamente seu trabalho à sua herança brasileira.

Froes é formada em Design Gráfico e Design Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e tem mestrado em Artes Visuais pelo Miami Art Institute. Ela também é membro do The55Project, Bref Design & Art Paris, FAMA (Fiber Artist Miami Association) e Art Muse LA/Miami. Recentemente, Froes participou de exposições individuais e coletivas em São Paulo, Nova York, Miami e Paris, incluindo eventos no SoHo Beach House Miami, Consulado do Brasil em Miami, Espace Krajcberg Paris, Hôtel de Guise para a Thema Art Fair Paris, MOCA, Ancient Spanish Monastery, Feria Clandestina, Parodi Costume Collection, MIFA – Miami International Fine Art, Epic Residencies & Hotel, Coral Gables Museum, Vizcaya Museum, entre outros. Desde janeiro de 2024, faz parte do Red Thread Artist Studio em Coral Gables. Recentemente, recebeu o prêmio Miami Dade Individual Artists (MIA) Grant para 2024/2025.



MASP ABRE NOVO PRÉDIO COM CINCO EXPOSIÇÕES

*Museu lança nova identidade visual e marca novo momento com
“Cinco ensaios sobre o MASP”*



Vista do Edifício Lina Bo Bardi e Edifício Pietro Maria Bardi

Foto: Leonardo Finotti

O MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand abre o Edifício Pietro Maria Bardi com *Cinco ensaios sobre o MASP*, um conjunto de exposições que propõe novos olhares e diálogos sobre o acervo e a trajetória do museu.

As novas mostras, somadas a outras iniciativas de impacto, como a atualização da logomarca, o início das atividades do MASP Escola em salas de aula próprias e a reabertura do vão livre com atividades e exposição, reforçam a expansão do MASP e seu novo momento.

Cinco ensaios sobre o MASP é o título que reúne as mostras de abertura do novo Edifício: *Isaac Julien: Lina Bo Bardi – um maravilhoso emaranhado*; *Geometrias*; *Artes da África*; *Renoir* e *Histórias do MASP* ocupam os cinco novos andares expositivos do museu, que representam um aumento de 66% de área dedicada a mostras. O público pode usufruir dos dois edifícios e conferir todas as exposições em cartaz no MASP com um único ingresso disponível para compra no site da instituição.

CINCO ENSAIOS SOBRE O MASP

Isaac Julien:

Lina Bo Bardi – um maravilhoso emaranhado

2º andar

Na videoinstalação sobre o legado da arquiteta modernista Lina Bo Bardi (1914-1992), que projetou o icônico edifício do MASP na Avenida Paulista, as atrizes Fernanda Torres e Fernanda Montenegro interpretam os escritos de Lina, dando voz às suas ideias sobre o po-



Videoinstalação *Isaac Julien: Lina Bo Bardi – um maravilhoso emaranhado*

tencial social e cultural da arte e da arquitetura, especialmente a partir de sua experiência com a cultura afro-brasileira na Bahia.

Desde os anos 1980, Julien dirige e produz obras que refletem sobre a exibição e o significado da cultura material não europeia em museus de arte ocidentais, unificando dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura. Seu trabalho revisita figuras históricas, oferecendo novas perspectivas e subvertendo narrativas dominantes. Inspirado na visão de Bo Bardi sobre o

tempo, o título da obra apresentada deriva de uma de suas reflexões: *“Mas o tempo linear é uma invenção do Ocidente, o tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim”*.

Artes da África

3º andar



Exibe mais de 40 obras do acervo do museu, principalmente do século 20, oriundas da África ocidental. O conjunto reúne estatuetas, objetos cotidianos, bonecas, tambores, mobiliário e máscaras usadas em festividades, rituais de iniciação, celebração ou funerais.

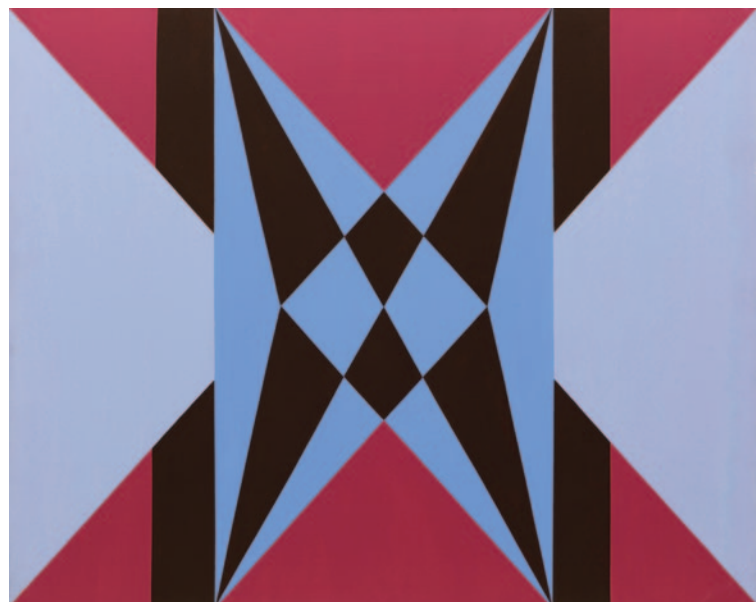
Iorubá, *Máscara Geledé*, sem data
Foto: Eduardo Ortega

Geometrias

4º andar

A exposição apresenta mais de 50 obras do acervo, incluindo cerca de 20 doações recentes. São trabalhos realizados por artistas que despontaram à época das vanguardas construtivas, em diálogo com trabalhos de artistas contemporâneos que empregam diferentes materialidades para criar composições geometrizadas.

A mostra destaca os movimentos concretista e neoconcretista, reunindo obras de Judith Lauand (Pontal, SP, 1922-2022), Willys de Castro (Uberlândia, MG, 1926-São Paulo, SP, 1988), Hércules Barsotti (São Paulo, SP,



De cima para baixo:
Daiara Tukano,
Kumurō,
sem data
Foto: Ana Pigosso;
Jandyra Waters,
Sem título, 1982
Foto: Marcelo Pallotta;
Habuba Farah
Riccetti, *Sem
título*, 1952 –
Foto: Marcelo Pallotta

1914-2010), Lygia Clark (Belo Horizonte, MG, 1920-1988), Amílcar de Castro (Paraisópolis, MG, 1920- Belo

Horizonte, MG, 2002), entre outros. Além disso, são apresentados artistas que exploraram a geometria sob outras perspectivas, como Rubem Valentim (Salvador, BA, 1922-1991), que desenvolveu um sistema de símbolos afro-brasileiros; e Daiara Tukano (São Paulo, SP, 1982), que cria grafismos ligados às cosmogonias do povo Yepá-Mahsã.

O uso de padronagens têxteis surge em trabalhos como os de Cláudia Alarcón (Povo Wichí, Río Pilcomayo, Argentina, 1989) e Laura Lima (Governador Valadares, MG, 1971), que também estabelece conexões com a moda. Já outros artistas empregam a geometria para abordar questões políticas contemporâneas, como Sarah Morris (Londres, Reino Unido, 1967) e Kiluanji Kia Henda (Luanda, Angola, 1979).

Renoir

5º andar



Apresenta todas as obras do francês Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) pertencentes ao acervo do MASP, sendo 12 pinturas e uma escultura. O conjunto abrange praticamente toda a carreira do artista e foi exposto pela última vez há 23 anos.

Histórias do MASP

6º andar

Revisita mais de sete décadas de trajetória da instituição, refletindo sobre a história do museu e sua importância para a constituição de um modelo de museu moderno. Apresenta obras do acervo em diálogo com fotografias e documentos históricos



Cartaz da exposição Chefs-D'Oeuvre du Musée D'Art de São-Paulo: De Mantegna a Picasso, realizada no Musée de l'Orangerie (Paris, França), 1953-1954
Foto: Divulgação

Pierre-Auguste Renoir, *Menina com as espigas*, 1888
Foto: Isabella Matheus



Iván Argote, *O Outro, Eu e os Outros*, vista da exposição Noor Riyadh Festival, Arábia Saudita

Foto: Mohammed Bu Hasan

VÃO LIVRE

Iván Argote: *O Outro, Eu e os Outros*

A partir de 10 de abril, será exposta no vão livre a instalação interativa *O Outro, Eu e os Outros*, do artista colombiano Iván Argote. A obra é composta por duas gangorras de grandes dimensões que se inclinam conforme o deslocamento dos visitantes, refletindo as dinâmicas de movimento e equilíbrio em coletivo.

Quando uma única pessoa se move, o equilíbrio se mantém quase inalterado; no entanto, a ação coletiva pode redefinir completamente a inclinação da plataforma, que pende para um lado ou para o outro. A situação mais complexa ocorre quando os participantes distribuem seu peso de maneira equilibrada, alcançando um estado de estabilidade.

O trabalho chega agora ao Brasil após ser exposto na Bienal de Lyon, na França, em 2024; em Riade, na Arábia Saudita, em 2023; e no Centquatre de Paris, em

2017. Reformuladas para se adequar ao vão livre do MASP, as gangorras têm 15 metros de comprimento, cinco metros de largura e dois de altura. A obra poderá ser vista por quem passar pela Avenida Paulista a qualquer momento, e acessada pelos visitantes todos os dias, das 10h às 22h.

O vão livre ainda contará com mobiliário urbano, wi-fi oferecido pela Vivo, segurança e iluminação.

MASP ESCOLA – AULA ABERTA

Com o Edifício Pietro Maria Bardi, a escola do museu passa a contar com um andar dedicado às atividades pedagógicas, oferecendo salas de aula que ampliam a experiência dos alunos e conectam o aprendizado teórico à programação cultural do MASP. Para celebrar esse novo momento, o MASP Escola realizará no dia 5 de abril (sábado), o evento *Escola Aberta*, com atividades gratuitas para a população, estruturadas a partir dos cursos de Estudos Críticos e Histórias da Arte.

A escola inaugura também um novo eixo educacional nomeado *Por dentro da exposição*, que oferece ao público uma série de cursos destinados a quem busca ir além da visita, convidando a uma experiência imersiva e coletiva, que explora as obras, os contextos históricos e artísticos das exposições, incluindo os *Cinco ensaios sobre o MASP*.

INTERLIGAÇÃO ENTRE OS DOIS EDIFÍCIOS

A conclusão da passagem subterrânea de 40m², que interligará os dois prédios do MASP, está prevista para o segundo semestre de 2025. O túnel é uma obra de grande complexidade e, quando pronta, facilitará a circulação dos visitantes e de obras de arte, promovendo o funcionamento integrado de ambos os edifícios e preservando o visual da paisagem urbana.

EDIFÍCIO PIETRO MARIA BARDI

Com a inauguração do Edifício Pietro Maria Bardi, o MASP passa a ser um museu composto por dois prédios. O projeto arquitetônico do novo prédio, idealizado pela METRO Arquitetos Associados, estabelece uma relação harmoniosa com o prédio histórico desenhado por Lina Bo Bardi (1914-1992), ao mesmo tempo que se sobressai em virtude de seu design monolítico, inspirado em tipologias de museus verticais, como os de Nova York.

Além das galerias de exposições, os 14 andares abrangem salas multiuso, restaurante, café, salas de aula, loja, laboratório de conservação, depósitos e docas para carga e descarga de obras de arte. O prédio novo também conta com bilheteria e área de acolhimento,

reforçando o conceito inclusivo e democrático pensado por Lina Bo Bardi para o museu.

O restauro do Edifício Lina e os *Cinco ensaios sobre o MASP* são realizados por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Histórias do MASP tem patrocínio de Akzo Nobel e parceria estratégica do Itaú. *Renoir* tem patrocínio master de Citi Brasil e Stellantis. *Artes da África* tem patrocínio master do Nubank. *Geometrias* tem patrocínio do Bradesco. *Isaac Julien: Lina Bo Bardi — um maravilhoso emaranhado* tem parceria estratégica do Itaú e apoio cultural da British Council.

SERVIÇO

CINCO ENSAIOS SOBRE O MASP

Isaac Julien: Lina Bo Bardi — um maravilhoso emaranhado / *Artes da África* / *Geometrias* / *Renoir* / *Histórias do MASP*

Até 3 de agosto

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
Edifício Pietro Maria Bardi

Av. Paulista, 1510 - Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta e quinta das 10h às 18h (entrada até as 17h); sexta das 10h às 21h (entrada gratuita das 18h às 20h30); sábado e domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas.

Agendamento on-line obrigatório pelo link [masp.org.br/ingressos](https://www.masp.org.br/ingressos)

Ingressos: R\$ 75 (entrada); R\$ 37 (meia-entrada)

Iván Argote: O Outro, Eu e os Outros

A partir de 10 de abril

Vão livre, Edifício Lina Bo Bardi

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Entrada gratuita

<https://www.masp.org.br/>



*"Saudade do
mundo Pequeno",*
de LUIZ ZERBINI,

inaugura

A.Galeria,

novo espaço

expositivo em

Florianópolis, SC

Bambu, 2024

Foto: Pat Kilgore



Saude do mundo Pequeno, 2022

Foto: Pat Kilgore

A exposição apresenta uma coleção de 31 obras, incluindo nove óleos sobre tela, 15 monotípias e uma grandiosa composição escultórica. As obras de Zerbini exploraram a difícil relação entre a natureza da flora tropical brasileira, os vestígios da história colonial e os excessos da sociedade de consumo.

As telas do artista, de dimensões impressionantes, exibem paisagens urbanas e motivos que transitam da geometria à figuração, desmembrando formas em linhas sinuosas que evocam a vegetação tropical e revelam padrões marcantes criados a partir de texturas variadas.

Marc Pottier, curador da A.Galeria, comemora a escolha de Zerbini para inaugurar o espaço, ressaltando

o talento especialíssimo do artista em combinar a natureza com elementos da história e da sociedade contemporânea. *“A exposição oferece ao público uma oportunidade única de descobrir a amplitude do talento de Zerbini e sua capacidade de provocar reflexões profundas sobre o mundo em que vivemos”*, afirma Pottier.

O UNIVERSO DE ZERBINI

Luiz Zerbini, reconhecido por suas pinturas em grande escala e colorido exuberante, convida o público a dar uma pausa na frenética agitação da vida moderna e a um retorno ao essencial. Suas obras refletem um medo palpável da destruição ambiental e um anseio por resgatar uma visão mais humana e contemplativa da na-



Da esquerda para a direita: *Pedra verde*, 2025; *Toco*, 2025; *Pau do mato*, 2025

Fotos: Pat Kilgore

tureza. *"Saudade do mundo Pequeno"* oferece um refúgio para uma reflexão sobre a beleza.

"Zerbini compartilha sua nostalgia por um mundo à escala humana, onde cada esquina reserva uma aventura e onde a doçura da proximidade não se perdeu. Suas obras são um convite a reaprender a contemplar o mundo e a redescobrir o singelo prazer de apreciar a natureza que nos cerca", completa Marc Pottier.

DESTAQUES DA EXPOSIÇÃO

"Saudade do mundo Pequeno" é uma composição que se assemelha a um caleidoscópio de impressões diversas, divididas em inúmeros quadrados. Cada um deles revela uma janela para os encontros do artista com a natureza, a vegetação e as plantas que ele observa com atenção e sensibilidade.

As monotipias de Zerbini também merecem destaque especial. Criadas com a expertise do impressor João

Sánchez, do Estudio Baren, essas impressões únicas são obtidas por um processo não reproduzível, no qual folhas, flores e ramos são dispostos sobre uma placa metálica previamente tintada e transferidos para o papel por meio da prensa. O resultado são formas e cores surpreendentes, que transitam entre a figuração e a abstração, criando um repertório vegetal extraordinário.

A composição escultórica *"Presente do mar"* é outra atração da mostra. A instalação reproduz um trecho de praia com pedras, onde Zerbini espalha parte de sua coleção de objetos encontrados, como conchas e outros "nadazinhos" que carregam memórias e são insubstituíveis para o artista.

Os diários de viagem do artista, iniciados em 2014, também estão presentes na exposição. As pequenas obras em tinta acrílica ou aquarela, criadas ao ar livre durante viagens a Búzios, Paraty ou Bocaina, revelam uma conexão direta com a paisagem e uma sensação

de liberdade que nem sempre as grandes composições podem proporcionar.

SOBRE LUIZ ZERBINI

Nasceu em São Paulo, em 1959, e iniciou sua atividade artística no final dos anos 1970. Exponente da chamada *Geração 80*, Luiz Zerbini é conhecido por fazer pinturas em grande escala de colorido exuberante, em geral figurativas e com incursões no abstracionismo geométrico. Suas composições incluem a paisagem e as formas da natureza. Sua obra transita entre a pintura, a escultura, a instalação, a fotografia, a produção de textos e vídeos. É um dos integrantes do *Grupo Chelpe Ferro*, que trabalha desde 1995 com sons e imagens

por meio da realização de objetos, instalações, performances, shows e CDs.

SERVIÇO

"Saudade do mundo Pequeno" de Luiz Zerbini

Até 12 de julho

A.Galeria | Passeio Cultural Primavera

Rod. José Carlos Daux 4150, Primavera Office, 7o andar, Florianópolis / SC

Dias/Horários: de terça a sábado, das 13h30 às 19h30 (exceto feriados)

Gratuito, com inscrição prévia via link –

<https://forms.gle/79RUZzbYepUgenaH7>



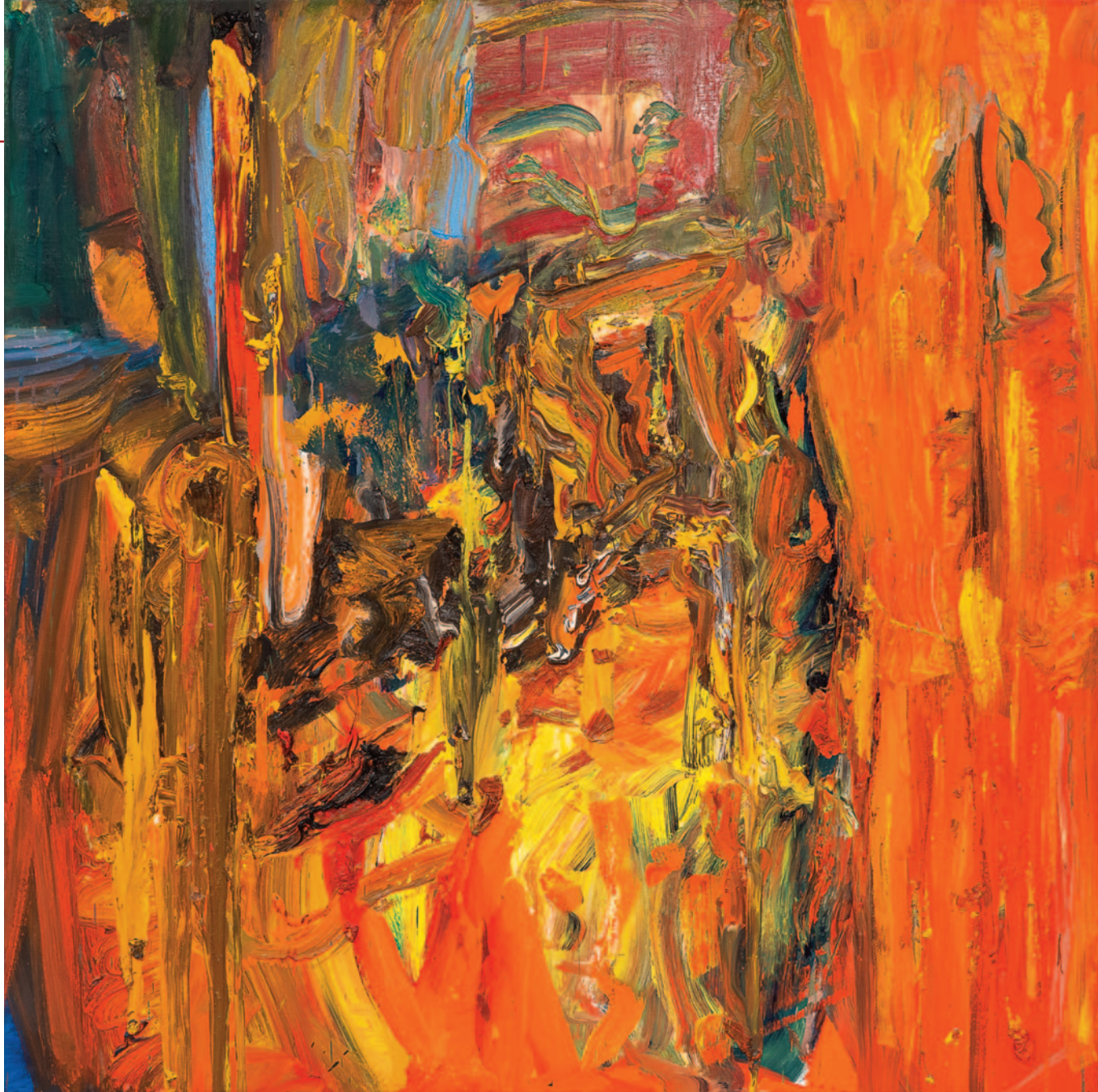
Praia das Alamandras, 2025

Foto: Pat Kilgore



Vida sobrenatural, 2025

Foto: Pat Kilgore



Sem título

Foto: Erika Mayumi

“INFINITO” – JORGE GUINLE
Pinturas inéditas do artista em exposição
na galeria Simões de Assis, São Paulo

Mostra apresenta conjunto inédito de obras realizadas pelo artista durante sua temporada em Nova York, entre 1985 e 1986. Reunidas pela primeira vez, as pinturas marcam um momento decisivo na trajetória de Guinle, revelando a densidade emocional que permeou seus últimos anos de vida

No período em que produziu essas telas, Jorge Guinle participou da 17ª Bienal de São Paulo e realizou exposições individuais em importantes galerias. Paralelamente, enfrentava o impacto de um diagnóstico de doenças relacionadas à aids, que levaria ao seu falecimento em 1987. As telas dessa fase nova-iorquina revelam um percurso intenso e visceral, no qual suas composições se tornam mais diluídas e translúcidas, sem perder a vibração gestual e cromática que caracterizou sua obra.

A exposição conta com texto assinado por Vanda Klabin, curadora, historiadora e amiga próxima do artista, que contextualiza a importância desse conjunto dentro da produção de Guinle. Reconhecido por sua abordagem singular dentro da pintura contemporânea brasileira, ele estabeleceu um diálogo vigoroso com as tendências internacionais da época, como o expressionismo abstrato e a pintura norte-americana do pós-guerra.

Sem título

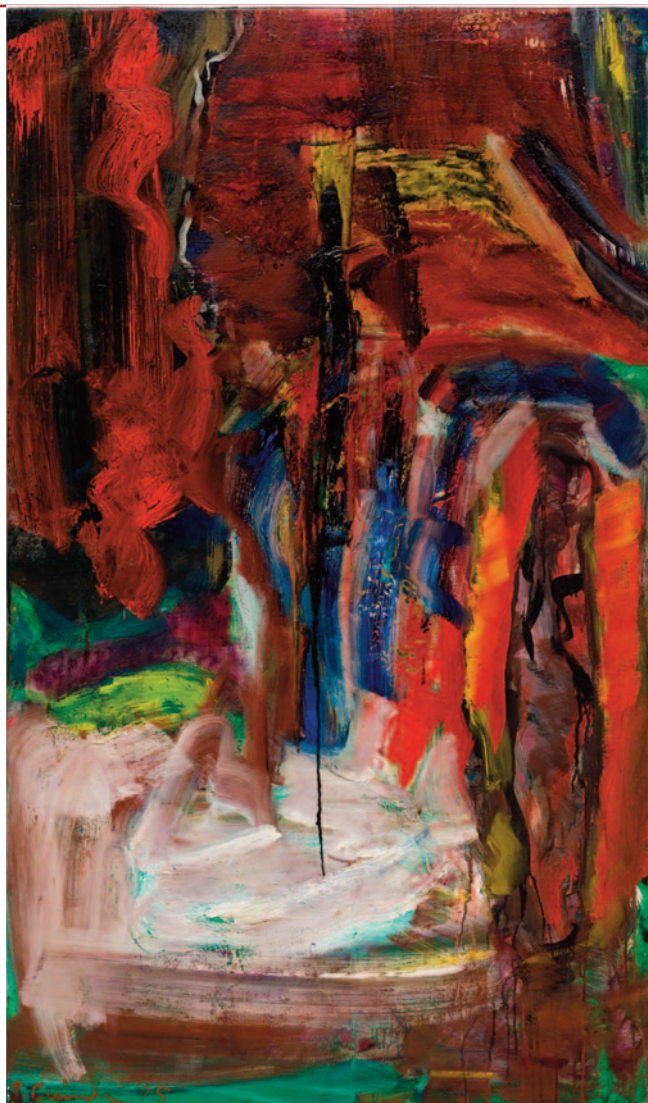
Foto: Erika Mayumi



Sem título

Foto: Erika Mayumi





Tranquils water, 1986

Foto: Erika Mayumi

Ao longo de sua curta e marcante carreira, Guinle foi um dos grandes incentivadores da revalorização da pintura nos anos 1980, sendo uma referência fundamental para a chamada *Geração 80*. Seu trabalho era destacado pelo gestual enérgico, pelo uso audacioso das cores e pela busca constante de uma harmonia dissonante, que se distanciava das vertentes conceituais predominantes na década anterior.

A série de pinturas realizadas no Kaufman's Studio, em Nova York, permaneceu inédita até o momento, mesmo sendo considerada uma das mais significativas de sua carreira. Localizadas pela galeria Simões de Assis e trazidas agora para primeira exposição no Brasil, as pinturas são exibidas ao lado de outros trabalhos produzidos pelo artista entre 1985 e 1986. O conjunto consolida o estilo único de Jorge Guinle, que soube capturar tanto a energia do cenário artístico internacional quanto às especificidades do contexto brasileiro.

Em seu texto curatorial, Vanda Klabin destaca a relevância das pinturas encontradas no Kaufman's Studio, no Queens, em Nova York.

“Essas pinturas irradiam a sua contínua e intensa vontade de pintar. Comprovam o vaivém do exercício da pintura, com as massas de óleo e um repertório cromático dissonante, que nos contamina pela sua densidade corpórea, seus elementos pulsantes que instauram uma visão de mundo. [...] As cores saturadas, descontínuas, vertiginosas, aliadas a uma pulsação visual intensa, ao nervosismo de seus gestos, são as marcas de sua linguagem. Um turbilhão de cores, tintas escorridas e pinceladas vigorosas, vibrantes para todos os lados. As telas exalam uma inteligência pictórica e uma erudição visual que propagam a sua imensa energia plástica. Apesar de serem datadas em 1986, parecem viver no momento presente, mantendo intacto o seu frescor. Suas obras emanam algo duradouro, suscitam uma conversa infinita conosco”.

SOBRE JORGE GUINLE

Jorge Guinle Filho nasceu em Nova York em 1947 e passou parte de sua vida entre o Rio de Janeiro, Paris e Nova York. Autodidata, aprofundou seus estudos em pintura a partir do contato direto com grandes mestres do modernismo, como Henri Matisse, além de influências decisivas da *action painting* e da *pop art*. Foi um dos líderes do *movimento Geração 80* – com artistas que buscavam a revalorização da pintura – e escreveu o manifesto crítico para o catálogo da mostra *Como Vai Você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, Rio de Janeiro. Sua produção, concentrada nos últimos sete anos de vida, revela um comprometimento absoluto com a pintura como experiência vital.

Sua obra integra coleções importantes como Museo de Arte Contemporâneo de Monterrey, México; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil; Coleção Gilberto Chateaubriand, Brasil; Museu Nacional de Belas Artes, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil; Centro Cultural Cândido Mendes, Brasil; Instituto Figueiredo Ferraz, Brasil; Coleção Roberto Marinho, Brasil; Coleção José Olympio Pereira, Brasil; Coleção Hecilda e Sérgio Fadel, Brasil; Coleção Ronaldo Cezar Coelho, Brasil; Coleção Ricardo Akagawa, Brasil; e Coleção Orandi Momesso, Brasil.

SERVIÇO

“Infinito” – Jorge Guinle

Até 10 de maio

Simões de Assis

Alameda Lorena, nº 2050, térreo, Jardins, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábados, das 10h às 15h

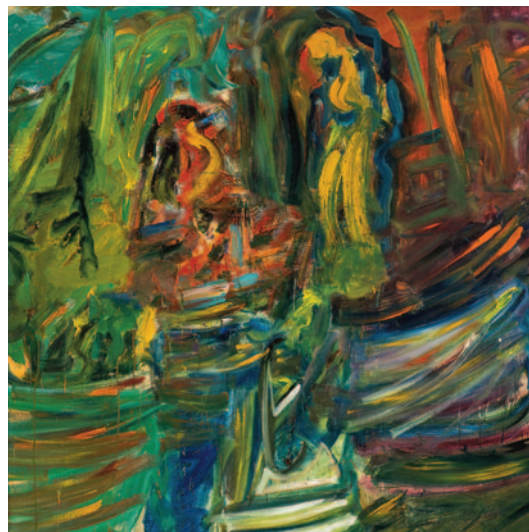
Entrada gratuita

www.simoesdeassis.com



Shoehorn for Understanding Freud, 1986

Foto: Erika Mayumi



Sem título

Foto: Erika Mayumi

Instituto Tomie Ohtake abre calendário expositivo
com duas mostras:

Patricia Leite – Olho d'Água
e *Coleção Vilma Eid – Em Cada Canto*

PATRICIA LEITE – OLHO D'ÁGUA

Mostra destaca a produção da artista mineira radicada em São Paulo



Jaxi, 2024

Foto: Estudio Em Obra

Com curadoria de Germano Dushá, *Olho d'água* reúne cerca de 30 obras, entre desenhos, pinturas e objetos que perpassam os quarenta anos da trajetória artística de Patricia Leite. Estão presentes desde os trabalhos da década de 1980 até outros inéditos realizados em 2025. Segundo Dushá, o público encontrará “*um recorte es-*

pecífico que dá testemunho, igualmente, da capacidade elástica e da coesão estilística de uma artista tão inventiva quanto fiel ao seu condão”.

Do início da carreira, quando a artista produzia sobretudo desenhos abstratos, há um destaque para um

grupo de pastéis sobre papel que datam de 1986, além da sua primeira pintura, uma acrílica sobre tela de 1988. Tempos depois, Leite passaria a usar a madeira como principal suporte para suas pinturas. Segundo o curador, apesar do abstracionismo inquestionável, esses trabalhos iniciais já sugerem um percurso para o *que mais tarde será sua figuração*. *“Para uma imaginação desprendida, certamente será possível entrever os princípios de um jardim, de um parque ou de uma serra”*, afirma Dushá.

Algumas das mais emblemáticas obras de Patrícia Leite estão na exposição. São pinturas nas quais a artista cria o que chama de *“sensações de paisagens”* – um pôr do sol, um luar, uma praia ao anoitecer, cachoeiras, recortes da mata, céus estrelados ou com fogos de artifício. Obras cujas fontes de inspiração possam ter sido viagens, diálogos com amigos, letras de músicas, cenas de filmes, trechos de poesias, recordações marcantes ou fotografias tiradas por ela ou encontradas.

Sem título, 1986

Foto: Estúdio Em Obra

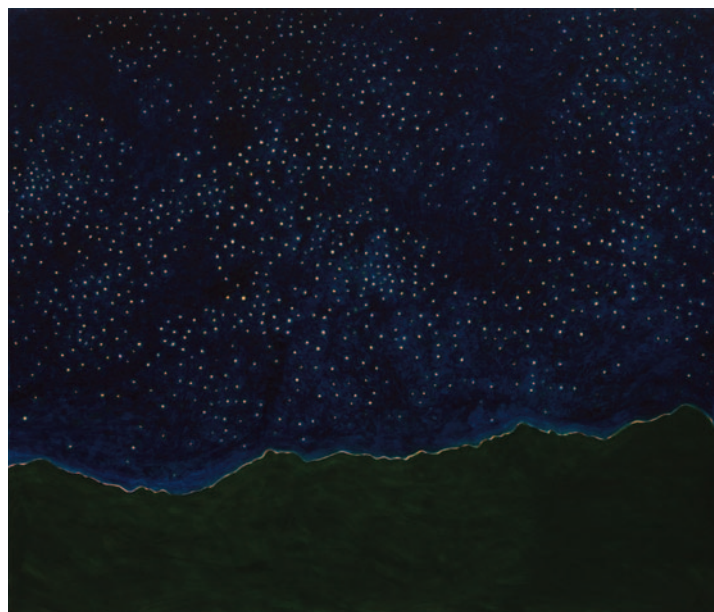


Do ponto de vista pictórico, as pinturas trazem composições sintéticas formadas por grandes blocos de cor, pinceladas visíveis e texturas marcantes. A paleta cromática é ao mesmo tempo sensível e vibrante, expondo contrastes sutis entre tons rebaixados e forte luminosidade.

Os objetos produzidos pela artista entre 2020 e 2025 são apresentados ao público pela primeira vez. São pequenas peças compostas pela união de itens encontrados, como pedaços de vidro, madeiras, pedrinhas, miçangas e miudezas decorativas. Segundo o curador, *“guardam em si o contraste entre a delicadeza e o rudimentar, afirmando, de modo proposital, sua incompletude”*. Dushá lembra que, ao serem expostas ao lado dos primeiros desenhos abstratos, essas peças *“parecem conferir corpo aos diagramas de cores e texturas. De igual modo, formam pequenas paisagens, remetendo às praias e morros que observamos nas pinturas de fases mais recentes”*, observa o curador.

Banho de estrelas, 2015

Foto: Gui Gomes



INSTITUTO TOMIE OHTAKE VISITA COLEÇÃO VILMA EID – EM CADA CANTO

Mostra reúne mais de 300 obras de artistas populares, modernos e contemporâneos



Mirian Inez da Silva Cerqueira, *Sem título*, s.d.

Foto: João Liberato

A exposição se dedica a examinar o acervo da colecionadora e galerista Vilma Eid, que nos últimos quarenta anos forjou uma coleção singular, reunindo trabalhos de mais de 100 artistas entre os ditos populares, modernos e contemporâneos. Com mais de 300 obras divididas em duas salas, a mostra tem curadoria de Ana Roman e Catalina Bergues.

A mostra integra o programa de exposições *Instituto Tomie Ohtake visita*, que busca criar conexões com colecionadores e agentes do circuito da arte, proporcionando acesso a coleções que, em parte, são pouco exibidas ao grande público. Apresentadas sob diferentes leituras curatoriais, essas mostras se aproveitam de combinações improváveis de artistas e trabalhos

para contemplar novas perspectivas de uma história da arte já consolidada.

Vilma Eid desempenha um papel fundamental na valorização da arte popular brasileira. Como fundadora da Galeria Estação, inaugurada há 20 anos ao lado de seu filho Roberto Eid Philipp, a galerista se dedica à promoção, reconhecimento e inclusão dos artistas populares no cenário artístico nacional e internacional, evitando rótulos que possam limitar ou estigmatizar tais artistas e suas produções. Ao dizer que “Arte é arte. Não importa a classificação”, Eid afirma seu entendimento sobre os múltiplos caminhos da criação artística. Em sua casa, a galerista dispõe as obras de tal forma a criar conexões inesperadas. Trabalhos de artistas modernos e contemporâneos como Geraldo de Barros, Mira Schendel, Paulo Pasta ou Tunga convivem com os ditos populares, como José Antonio da Silva, Izabel Mendes da Cunha, Itamar Julião ou Véio.

Além de estimular o encontro dessas obras no ambiente expositivo, a mostra contribui com o debate sobre categorias de definição no sistema da arte. Como defendem as curadoras, “em vez de fixar uma definição do que é ‘popular’ ou ‘erudito’, a mostra sugere novas possibilidades de diálogos. Ao apresentar pela primeira vez o conjunto de obras reunidas por Vilma Eid nos últimos 40 anos, a exposição põe em evidência como as peças se transformam quando vistas lado a lado, estimulando o público a perceber a arte brasileira como campo aberto a intersecções e reinterpretações”.

As duas salas que compõem “Em cada canto” trazem conexões entre artistas e obras encontradas na casa da



Agostinho Batista de Freitas, *Imigrantes*, 1986

Foto: João Liberato

colecionadora e outras propostas pela curadoria. Como afirmam Roman e Bergues, “apresentar, pela primeira vez, o conjunto heterogêneo de obras que habitava o ambiente doméstico de Vilma – onde surgiam conexões inusitadas entre estilos, épocas e técnicas – representa um desafio curatorial para manter a atmosfera de proximidade, sem abrir mão da clareza expositiva”, concluem.

No contexto da exposição, será lançada em parceria com a Editora Martins Fontes a coletânea *Arte Popular – Modos de Usar*, organizada por Amanda Reis Tavares Pereira. O livro recompila, discute e revisita a historiografia e as questões ligadas à arte popular, com textos de Lélia Coelho Frota, Fernanda Pitta, Ana Avelar, Ayrson Heráclito, entre outros, oferecendo uma leitura atualizada tanto de textos históricos quanto contemporâneos, ampliando e atualizando o debate.

SERVIÇO

Patricia Leite – Olho d’água

Instituto Tomie Ohtake visita Coleção Vilma Eid

– Em cada canto

Até 25 de maio

Instituto Tomie Ohtake

Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropé, 88),
Pinheiros, São Paulo / SP | Tel.: (11) 2245-1900

Dias/Horários: de terça a domingo, das 11h às 19h

Entrada franca

institutotomieohtake.org.br



Lobo-guará, 2022

Foto: Divulgação

“VIK MUNIZ – DINHEIRO VIVO”

Multiarte, em Fortaleza, CE, exhibe quinze trabalhos da série “Dinheiro Vivo”, iniciada em 2022, feita exclusivamente com cédulas descartadas pela Casa da Moeda.

A série compreende dois grupos de trabalhos: os que reproduzem os animais que estampam as notas, e os criados a partir das pinturas de paisagens brasileiras dos chamados artistas viajantes, do século 19

A exposição “Dinheiro Vivo” reúne quinze obras de Vik Muniz, criadas a partir de pedaços de cédulas de real destinadas ao descarte, e dadas ao artista pela Casa da Moeda. Especialmente para a exposição na Multiarte, Vik Muniz criou uma nova obra, *“Paisagem no interior da mata tropical no Brasil, com figuras a partir de Johann Moritz Rugendas”* (série “Dinheiro vivo”, 2025). A pintura original de Rugendas, em óleo sobre tela, com 46x36 cm, feita em 1842, do acervo de uma coleção particular de São Paulo, também faz parte da exposição, ao lado da recriação de Vik Muniz. A mostra é uma parceria entre a Multiarte e a galeria Nara Roesler, que representa o artista.



Paisagem no interior da mata tropical no Brasil com figuras, a partir de Johann Moritz Rugendas, 2022

Foto: Jaime Acioli

Victor Perlingeiro, diretor da Multiarte, ressalta: *“O trabalho de Vik Muniz dialoga de maneira poderosa com as questões do mundo contemporâneo. ‘Dinheiro Vivo’ é uma exposição multifacetada, que aborda temas como paisagem, ecologia, imagem e o próprio dinheiro, tanto como conceito quanto como material. Ter essa individual em Fortaleza consolida a Multiarte como uma galeria que busca conectar o público a artistas de relevância internacional, como Vik, que tem feito exposições nos museus mais prestigiosos do mundo, e está presente em coleções institucionais de grande importância, como o Pompidou, em Paris, Reina Sofia, em Madri; Museum of Contemporary Art, em Tóquio; Guggenheim e Whitney Museum, em Nova York, e a Tate Gallery, em Londres. Dessa forma, buscamos fortalecer o circuito artístico regional e nacional”*.

DO INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL À CASA DA MOEDA

Quando o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pegou fogo, no início de setembro de 2018, Vik Muniz foi até lá recolher restos do incêndio para fazer um trabalho a fim de levantar fundos para a recuperação da instituição. *“Eles me colocaram em contato com o antigo Museu Nacional, que hoje é o Museu da Casa da Moeda”*. Vik Muniz conta que foi uma experiência fascinante: *“O dinheiro brasileiro é considerado um dos mais bem impressos do mundo, e foi tão interessante ver como se faz”*, revela ele em um trecho da conversa que teve com o historiador Eduardo Bueno, na Nara Roesler, em 2023. O artista contou ter visto, a partir de uma plataforma, dezenas de mulheres checando as notas para ver se estavam perfeitas. *“As notas não perfeitas são descartadas e trituradas. Eles me pergun-*



Da esquerda para a direita: *Mico-leão-dourado*, *Tartaruga-marinha* e *Onça-pintada*, 2022

Fotos: Divulgação

taram se eu gostaria de fazer alguma coisa com o dinheiro que iria ser triturado, e eu disse que queria. E me trouxeram sacos enormes de dinheiro picado”, lembra o artista.

DINHEIRO VIVO – MEIO DE COMUNICAÇÃO

“Fiquei sentado olhando aquele material fantástico apresentado pela Casa da Moeda. Todo mundo tem uma experiência tátil com esse material. É um material que vem carregado de referências, de experiências pessoais. Meu pai (cearense de Santa Quitéria, que migrou para São Paulo) era garçom – tinha um bolo de dinheiro (Cru-zeiro, Cruzado) com elástico que era um cubo, por causa da inflação. O dinheiro era sempre arrumadinho”, recorda. “Dinheiro, dentro de todos os veículos de troca simbólica que usamos, como uma imagem, é a mídia mais objetiva, mais direta. Ele significa algo que você terá. Você troca o dinheiro por alguma coisa física. Sempre vi o dinheiro como meio de comunicação”, afirma Vik Muniz.

O artista explica que começou a série pelos animais estampados na nota porque era assim que sua filha se referia ao real, o “dinheiro de bicho”.

“Trabalho muito com arquétipos, com estereótipos. São imagens que já existem no nosso vocabulário. E quando você tem que confrontar uma nova versão

daquilo, tem que renegociar um pouco”, comenta. Vik conta que criou “umas regras meio bestas” para ele mesmo. “Se tem todas as cores naquele animal, com uma nota eu consigo fazer um animal inteiro. Então cada animal é feito só com a cédula que tem sua imagem”, explica.

Eduardo Bueno, no texto do catálogo que acompanha a exposição, escreve: “Dinheiro morto: eram mil folhas de notas descartadas que seriam recicladas. Tais cédulas Vik tratou de transmutá-las em células de novos organismos, já que em seu DNA de artista está o dom de transubstanciar”. “Afinal, o dinheiro vale o quanto compra ou o quanto expressa? Vale o quanto pesa? E a arte, vale quanto? De quebra, qual o valor da vida selvagem impressa e imprensada na selva das cidades? Pois ao conferir vida nova às tartarugas-marinhas, aos micos-leões-dourados, aos lobos-guarás, às garças e às onças-pintadas das cédulas de real, numa espécie de desembarque dos bichos pós-dilúvio universal, Vik ressignifica também a expressão ‘dinheiro vivo’”.

Estão na exposição os trabalhos “Tartaruga-marinha”, “Garça”, “Arara”, “Mico-leão-dourado”, “Onça-pintada”, “Garoupa” e “Lobo-guará”, todos produzidos em 2022, respectivamente com cédulas descartadas de 2, 5, 10, 20, 50, 100 e 200 reais.

PAISAGENS BRASILEIRAS

ARTISTAS VIAJANTES: DESMATAMENTO

Vik Muniz conta que quando faz séries “baseadas em uma família de imagens, elas acabam após um tempo”. A única cédula com que não trabalhou foi a de um real, o colibri, porque foi tirada de circulação. “Ao continuar a reflexão sobre a origem da cédula – o papel, a árvore, o desmatamento – veio a ideia da mata que está sendo transformada em carvão, a pintura do Taunay (1795-1881), em que ele dizia que isso era bom; o gol da revolução industrial era o carvão, a coisa boa era a produção da coisa física”, lembra Vik.

O artista ressalta que “a gente está vivendo num mundo inteiramente novo, e está aprendendo a viver nele, e tem que lembrar que não é a primeira vez que isso acontece. A última vez que tivemos uma reviravolta incrível na maneira como o mundo foi visto foi durante a revolução industrial. Houve duas guerras mundiais pra gente aprender a viver neste mundo. A gente só está começando”, diz.

Vik Muniz faz questão de lembrar que “quando você desenha uma árvore, pode não ter isso em mente no momento, mas tudo o que está usando para desenhar

Lagoa Rodrigo de Freitas, a partir de Franz Keller Leuzinger, 2023

Foto: Divulgação



aquela árvore veio de uma outra árvore. O carvão do lápis, a madeira que segura aquele carvão, o papel que você traça. Tudo aquilo um dia foi vegetal, foi vivo. Essa coisa cíclica de onde vem as coisas. Um amigo japonês diz: ‘Uma cadeira boa te faz pensar na árvore de onde ela veio’.

O artista passou, então, a recriar as paisagens brasileiras registradas pelos chamados “artistas viajantes”, no século 19. Em especial, as do pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858), que tem cinco de suas paisagens recriadas com cédulas de real, dos oito trabalhos desse conjunto.

“A coisa ficou mais no plano ecológico, porque eu não parei de pensar nesse material como tendo sido vivo um dia. Como eu sou um organismo, e por um momento dividimos uma coisa única no universo que é vida, com funções diferentes”, diz Vik.

O artista lembra que precisou enfrentar uma grande dificuldade para fazer essas obras: *“A única cédula verde era a de um real – que não existe mais, e fazer paisagem sem verde é complicado. As notas de 10 e 20 reais têm verde no número iridescente, que é uma impressão de controle, e foi dali que foram tirados o verde de todas as obras”.* Ele explica que teve que *“adaptar a tonalidade para o azul pela deficiência cromática”* com que teve de lidar.

“Rugendas pintava em uma escala muito boa, como se estivesse dentro da paisagem. Não à distância. É muito interessante”, destaca Vik Muniz. Os trabalhos deste

grupo de paisagens brasileiras que estão na exposição “Dinheiro Vivo” são: “Paisagem no interior da mata tropical no Brasil com figuras, a partir de Johann Moritz Rugendas” (2025), “Vista da costa da Bahia, a partir de Johann Moritz Rugendas” (2022), “Serra Ouro Branco, a partir de Johann Moritz Rugendas” (2022), “Mata virgem perto de Manqueretipa, a partir de Johann Moritz Rugendas” (2022), “Praia Rodrigues, a partir de Johann Moritz Rugendas” (2022), “Lagoa Rodrigo de Freitas, a partir de Franz Keller Leuzinger” (2023) e “Cachoeira de Paulo Afonso. 1850, a partir de E. F. Schute” (2023).

SERVIÇO

“Vik Muniz – Dinheiro Vivo”

Até 30 de maio

Multiarte

Rua Barbosa de Freitas, 1.727, Fortaleza / CE

Tel.: (85) 3261-7724 | galeriamultiarte@uol.com.br

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 18h; sábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita

Cachoeira de Paulo Afonso. 1850, a partir de E. F. Schute, 2023
Foto: Divulgação



GRAFISMOS DE PEQUENAS SINGULARIDADES

Exposição no Sesc Teresópolis explora o conceito de identidade através da obra de cinco artistas do Rio de Janeiro



Vista da exposição

Foto: Divulgação

Como nossas memórias e vivências moldam quem somos? Com obras de Ana Hortides, Carla Santana, Gilson Plano, Mayara e Ray Fahr, sob a curadoria de

Ludimilla Fonseca e Ray Fahr, a exposição *"Grafismos de Pequenas Singularidades"* propõe uma imersão sensorial e afetiva no conceito de identidade, explorando

suas múltiplas camadas simbólicas e culturais através de temas como corpo, paisagem, ancestralidade, casa e memória.

“O conceito da exposição parte da ideia de identidade enquanto processo fluido e múltiplo. Não estamos falando de uma identidade rígida, mas de construções que se dão no corpo, no espaço e no tempo, atravessadas pela história, pela família e pelas experiências pessoais”, explica Ludimilla. “As obras selecionadas têm em comum esse viés da transformação: algo que vem de uma história, mas que o trabalho já chegou num lugar, já transcendeu”, completa Ray.

Um dos principais pontos de partida para a concepção da mostra foi a observação dos materiais utilizados pelos artistas – cimento, ferro, argila, tecido e couro –, elementos do cotidiano e da memória afetiva, ressignificados em propostas visuais distintas. *“Fomos criando uma relação historiográfica a partir do uso desses materiais, estabelecendo uma interseção entre esses artistas que, apesar de muito distintos, possuem essa linha tênue em comum”, explica Ray.*

Ana Hortides revisita o ambiente doméstico e urbano ao utilizar cimento e cacos de azulejo, remetendo às casas do subúrbio e às memórias da avó. Suas obras evocam um pertencimento enraizado na arquitetura vernacular e na simplicidade do cotidiano, transformando o trivial em potência poética. Já Mayara explora o cimento de uma perspectiva distinta: suas esculturas utilizam o material como base para tecidos e couros que remetem à história de sua família no Salgueiro, co-



Ana Hortides, *Outsiders*

Foto: Divulgação



Mayara, *O Coração* (em cima) e *A Torre* (embaixo)

Foto: Divulgação

munidade onde o ofício da costura e do estofamento faz parte da ancestralidade. *“Existe uma conexão direta entre o fazer da Mayara e a construção de identidade a partir da memória familiar e comunitária. Cada peça*

carrega marcas desse passado que continua pulsando no presente”, comenta Ludimilla.

O trabalho de Gilson Plano dialoga com sua vivência na construção civil – ofício de seu pai – ao manipular ferro e concreto de forma a subverter a rigidez desses materiais. Suas esculturas, apesar da robustez dos elementos utilizados, sugerem movimento e leveza, provocando uma reflexão sobre tempo, ancestralidade e as tecnologias que atravessam gerações. *“O Gilson transforma estruturas brutas em objetos poéticos que, ao mesmo tempo, remetem à solidez do concreto e à efemeridade do movimento”, observa a curadora.*



Gilson Plano, *Quadra*

Foto: Divulgação

Por sua vez, Carla Santana recorre à argila para criar pinturas: em vez de esculpir, ela a utiliza como pigmento. O resultado são obras que abordam a ancestralidade e a relação do corpo com a terra, apresentando uma materialidade que remete às raízes e à origem. *“As pinturas da Carla são como peles que guardam as marcas do fazer. Seu trabalho é minucioso, exige tempo e cuidado”, explica Ludimilla.*



Carla Santana,
Quadra 138
Foto: Divulgação

Bailarino por formação, Ray Fahr apresenta telas que traduzem o movimento do seu corpo durante uma coreografia, em composições que flutuam no espaço e registram gestos e deslocamentos. *“Minhas obras foram criadas a partir do que chamamos de notação coreográfica. A espessura das linhas indica se o movimento é leve ou pesado. O contorno, se eles são com arestas, movimentos com fluxo fragmentado ou contínuo. O tamanho das formas também indica duração de movimento, que é o tempo”, explica Ray. “Para mim, o Ray traduz o movimento não apenas de forma visual, mas também afetiva. Suas obras convidam o público a se mover junto, a perceber o corpo no espaço”, reforça Ludimilla.*

Ray Fahr, *Se um não quer, nós* – Azul Tela, Verde Tela, Magenta Tela (em cima); Azul Linho, Verde Linho, Magenta Linho (embaixo)

Foto: Divulgação





Vista da exposição

Foto: Divulgação

O espaço expositivo foi pensado para desafiar a percepção do visitante. Em vez de uma sequência tradicional de quadros alinhados e esculturas sobre pedestais, a mostra explora a ideia da tridimensionalidade com peças suspensas, obras que emergem das paredes e trabalhos dispostos no chão, estimulando a exploração e a experiência corporal. *“Queríamos que o espaço fosse um local de encontros e fricções. Romper com a ideia de que a pintura deve estar na parede e a escultura no chão. As obras não estão dispostas de forma linear; elas se cruzam, convidando o visitante a circular, se aproximar, contornar. A exposição é uma experiência que mobiliza corpo, percepção e emoção”*, destaca a curadora.

Para ela, *Grafismos de Pequenas Singularidades* vai além da contemplação: é um convite para a evocação de memórias e a provocação de perguntas. *“As obras podem remeter ao piso da casa da avó, a brinquedos*

de infância ou a paisagens familiares. Esse é o encontro que buscamos: entre a obra e a história de quem a observa”, afirma. Ao colocar a identidade no centro da experiência – sem, contudo, oferecer respostas fechadas – a exposição estimula o público a se reconhecer, se questionar e, sobretudo, sentir.

Integrante do programa *Sesc Pulsar*, a mostra reafirma o compromisso da instituição com a promoção da cultura, da diversidade e do pensamento crítico.

SERVIÇO

Grafismos de Pequenas Singularidades – Ana Hortides, Carla Santana, Gilson Plano, Mayara e Ray Fahr

Até 15 de junho

Sesc Teresópolis – Galeria de Arte e Corredor Interno

Av. Delfim Moreira, 749, Várzea, Teresópolis / RJ

Tel.: (21) 4020-2101

Dias/Horários: terça a domingo, das 9h às 18h

Entrada gratuita

SÉRGIO FERRO – TRABALHO LIVRE no MAC USP



São Sebastião (Lamarca)

Foto: Divulgação

A produção de Sérgio Ferro documenta e desafia as estruturas de poder, evidenciando as tensões entre criação e opressão. A mostra propõe um olhar aprofundado sobre sua trajetória e as formas como sua obra dialoga com as lutas políticas e sociais

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) apresenta *Sérgio Ferro – Trabalho Livre*, uma exposição que mergulha na trajetória e no pensamento crítico do arquiteto, pintor e teórico cuja obra desafia as relações entre arte, arquitetura e sociedade.

Com curadoria de Fabio Magalhães, Maristela Almeida e Pedro Fiori Arantes, a exposição investiga como Sérgio Ferro desenvolveu um pensamento único sobre o trabalho, a produção artística e a arquitetura, pautado na resistência à opressão e na busca por uma prática verdadeiramente emancipada. A intersecção entre arte e política permeia sua obra, revelando a construção de uma visão crítica que atravessa diferentes campos de atuação.

Desde sua participação no movimento *Arquitetura Nova*, ao lado de Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, Ferro reformulou as bases da crítica arquitetônica. Sua abordagem denuncia a exploração dos trabalhadores da construção civil e propõe uma revisão estrutural da disciplina, indo além da estética e das formas para analisar a materialidade e a organização do trabalho.

O estudo aprofundado da construção de Brasília ocupa lugar central na mostra. Ferro identificou na nova capital um dos maiores paradoxos da modernidade arquitetônica brasileira: enquanto a cidade simbolizava um avanço no discurso do desenvolvimento, os trabalhadores que a erguiam viviam em condições de extrema precariedade. Fotografias cedidas pelo Instituto

Moreira Salles ilustram essa contradição e ajudam a contextualizar a crítica do arquiteto ao modelo de produção vigente.

Outro eixo relevante da exposição apresenta as casas e escolas projetadas pela *Arquitetura Nova*, construídas com soluções inovadoras que combinavam técnicas acessíveis e respeito aos saberes tradicionais dos trabalhadores da construção civil. As residências experimentais em Cotia e Butantã, bem como a Escola Estadual Profa. Dinah Balestrero, exemplificam como Ferro e seus colegas buscaram integrar materialidade, função e participação coletiva, sempre com uma preocupação pedagógica em relação ao espaço.

A exposição também expõe a relação de Ferro com a prática pictórica. Seus quadros são uma anatomia do próprio ato de pintar, um processo em camadas que revela a estrutura compositiva, o esboço e a finalização, como se cada etapa do trabalho fosse igualmente parte da obra acabada. Inspirado por mestres como Mantegna, Michelangelo e Van Gogh, Ferro não apenas os reverencia, mas reinventa suas composições para tratar de temas como violência, resistência e opressão. Suas reinterpretações do Martírio de São Sebastião e do afresco de Hamã crucificado, de Michelangelo, questionam os mecanismos da brutalidade e da repressão.

O espaço carcerário também se impôs como parte da experiência criativa de Ferro. Durante sua prisão no Presídio Tiradentes, ao lado de outros intelectuais e



*São Sebastião
(Marighella)*
Foto: Divulgação

artistas como Rodrigo Lefèvre e Sérgio Souza Lima, sua produção artística não cessou. No confinamento, materiais improvisados deram forma a composições que incorporavam colagens, fragmentos, texturas e elementos da precariedade, ressignificando a experiência da reclusão. Essa experimentação reverberou em sua abordagem da pintura, onde a materialidade e a textura se tornaram veículos de expressão política e simbólica.

A relação entre pensar e fazer é um dos pilares da trajetória de Ferro. Para ele, o trabalho artístico é uma das poucas atividades em que pensamento e ação ainda podem coexistir em equilíbrio. Diferente da produção industrial e alienada, a arte preserva a autonomia do criador. Essa perspectiva o levou a refletir sobre o estatuto do artista no mundo contemporâneo e a crise da autonomia do fazer, um tema presente tanto em sua produção plástica quanto em sua escrita teórica.

A exposição *Sérgio Ferro – Trabalho Livre* oferece um panorama abrangente sobre a obra de um dos mais importantes pensadores da arquitetura e da arte contemporânea. Mais do que uma retrospectiva, trata-se de um convite ao debate sobre o papel do trabalho e da criação na construção de um futuro mais justo e autônomo. O público tem a oportunidade de explorar a produção do arquiteto por meio de documentos, maquetes, filmes e registros históricos que compõem um retrato profundo de sua trajetória.

SERVIÇO

Sérgio Ferro – Trabalho Livre

Até 15 de junho

MAC USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Avenida Pedro Álvares Cabral, 1301, São Paulo / SP

Mais informações: www.mac.usp.br

Entrada: Gratuita



Adriana Varejão junto a obras da série *Pratos*

Foto: Vicente de Mello

Adriana Varejão inaugura três exposições internacionais no primeiro semestre deste ano

Artista apresenta individuais em Nova Iorque e Atenas, além de uma mostra conjunta com Paula Rego, em Lisboa, expandindo o diálogo entre história, identidade e colonialismo. Embora dialoguem entre si, os projetos expandem os múltiplos eixos do trabalho da carioca, permitindo abordagens distintas de acordo com cada contexto e instituição

Em Nova Iorque, na mostra da *Hispanic Society Museum & Library (HSM&L)*, a artista explora a interseção entre natureza e cultura por meio de novas obras da série "Pratos" e de uma escultura pública em grande escala; no *Centro de Arte Moderna Gulbenkian*, em Lisboa, estabelece um diálogo profundo com a obra de Paula Rego, abordando temas como violência e memória; na galeria Gagosian, em Atenas, investiga diferentes tradições de cerâmica, como a turca, a chinesa, a grega e a de Maragogipinho, na Bahia, relacionando sua produção contemporânea com tais tradições.

"Cada exposição é um convite a revisitar histórias sob uma nova perspectiva, conectando passado ao presente

e evocando tanto os rastros da violência quanto a potência da resiliência", resume a artista. "Estou mergulhando cada vez mais na pesquisa sobre a cerâmica, os azulejos e o barroco. São elementos que sempre me interessaram, mas agora estou aprofundando essa relação."

NOVA IORQUE

HISPANIC SOCIETY MUSEUM & LIBRARY

Adriana Varejão: "Don't Forget: We Come From the Tropics" | Até 22 de junho

A exposição marca a primeira individual da artista em um museu nova-iorquino, com as pinturas tridimensionais da série "Pratos", entre inéditas e recentes, além de uma grande instalação comissionada na en-

Urutau, frente e verso, série Pratos, 2024

Fotos: Vicente de Mello





*Boto e Aruá,
frente e verso,
série Pratos,
2024*

Fotos:
Vicente de Mello

trada da Hispanic Society. As obras, que resultam das pesquisas de Varejão sobre a Amazônia, propõem uma releitura crítica do cruzamento entre natureza e cultura, e fazem referências a tradições cerâmicas de diversas partes do mundo.

Os cinco pratos expostos são ricos em referências, evocando em seus versos cerâmicas tradicionais de diversas culturas, como a turca Iznik, a chinesa Ming, a valenciana do século XV e cerâmicas marajoaras amazônicas pré-colombianas. As obras exploram a fauna e flora amazônicas, com figuras tridimensionais de animais e frutos. Ao concluir as peças, a artista percebeu que todas faziam referência a espécies cujos nomes têm origem no tupi-guarani – Guaraná, Mucura, Urutau, Boto, Aruá e Mata-mata – e escolheu essas palavras como títulos.

“Essa nova série de pratos foi concebida a partir da Bienal das Amazônias. Antes, os pratos falavam do mar,

agora falam da floresta, da fauna, da delicada relação entre os seres e do que está em risco, hoje”, pontua a artista.

Outro destaque da exposição é a instalação de uma imensa sucuri em fibra de vidro que se entrelaça ao monumento em bronze de El Cid sobre o seu cavalo – situado na porta de entrada do museu – onde questiona simbolismos de poder e domínio.

“A serpente é um símbolo ambivalente, de transformação e perigo, e aqui ela ocupa um espaço de resistência, desafiando a imposição colonial representada pelo cavaleiro conquistador”, explica.

Além de apresentar sua própria obra, Adriana fez a curadoria de uma seleção de cerâmicas históricas da coleção da Hispanic Society que serão exibidas lado a lado com os pratos de sua autoria. Parte do recém-inaugurado programa de arte contemporânea do instituto, reaberto

em 2024 após uma reforma com duração de dez anos, *“Don’t Forget: We Come From the Tropics”* tem entre os seus objetivos atrair um novo público para o museu.

LISBOA – CENTRO DE ARTE MODERNA GULBENKIAN

“Entre os Vossos Dentes”

10 de abril a 22 de setembro

A exposição *“Entre os Vossos Dentes”* traz um diálogo da trajetória artística de Varejão com a portuguesa Paula Rego (1935-2022), no Centro de Arte Moderna Gulbenkian, em Lisboa. Distribuída ao longo de 13 galerias temáticas, exhibe pontos de convergência surpreendentes entre os trabalhos de cada uma delas, abordando temas como violência, erotismo, apagamento e memória. Com curadoria da própria artista,

em parceria com Helena de Freitas e Victor Gorgulho, a mostra tem expografia da cenógrafa, dramaturga e cineasta Daniela Thomas.

“Entre os Vossos Dentes” apresenta quase 100 obras e o título faz referência a um verso de *“Poemas aos Homens do Nosso Tempo – II”*, de Hilda Hilst, reforçando o caráter político da exposição, e à antropofagia brasileira, estabelecendo uma interseção entre as trajetórias de Varejão e Rego, que foram marcadas pelo enfrentamento de estruturas de opressão.

“O título da exposição se refere à lógica predatória do patriarcado e do colonialismo. Minha obra e de Paula representam uma visão crítica a esses sistemas”, ex-

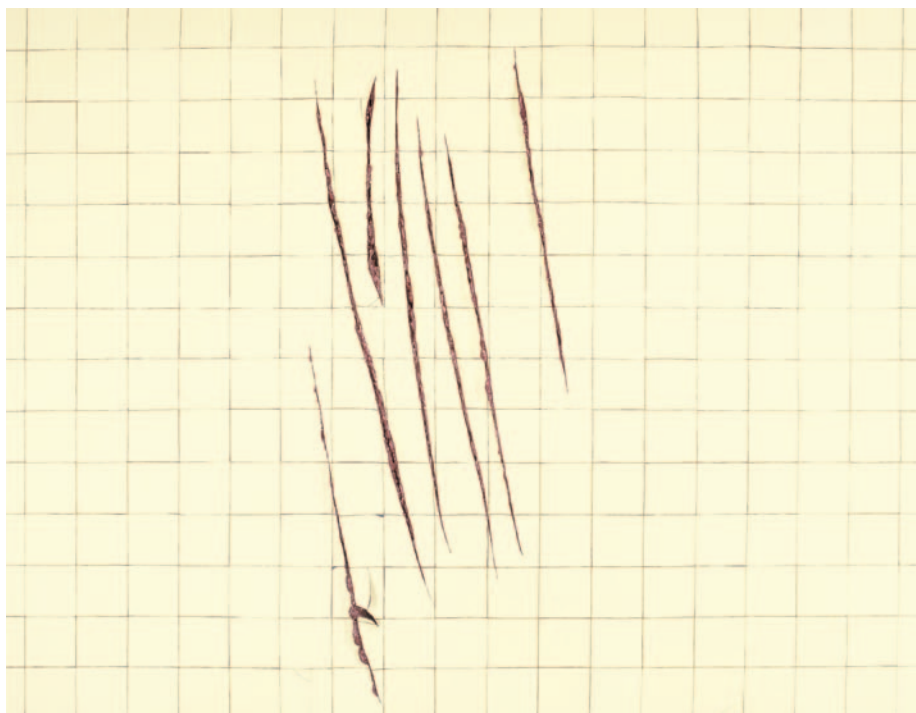


À esquerda: Paula Rego, *Anjo*, 1998

Foto: Carlos Pombo

À direita: Adriana Varejão, *Parede com incisões à la Fontana (tríptico)*, 2002

Foto: Vicente de Mello



plica Varejão. *“Em contextos de luta e resistência, segurar algo entre os dentes pode simbolizar não ceder, não abrir mão, persistir até o fim.”*

A mostra explora temas como o corpo feminino, a violência colonial e a subversão dos cânones da arte ocidental. Uma das salas destaca a conexão de Varejão com a azulejaria portuguesa, enquanto outra apresenta sua obra *"Ruína Brasilis"*, onde fissuras em superfícies de azulejos revelam estruturas internas de carne e sangue.

"O azulejo é uma pele arquitetônica, um disfarce que encobre histórias de brutalidade e imposição cultural", observa a artista. "A gente fala sobre corpo, história, dor e resistência. São imagens que incomodam, que ficam com o espectador, que se prendem 'entre os dentes'."

ATENAS – GAGOSIAN

Ainda sem título

15 de maio a 14 de junho

Encerrando a sequência de exposições internacionais

no primeiro semestre do ano, Adriana Varejão fará sua primeira individual na galeria Gagosian de Atenas, de 15 de maio a 14 de junho. Ainda sem título, a exposição apresentará obras inéditas da artista em diálogo com peças de diversas tradições cerâmicas, que cruzam tempos e geografias.

A mostra será dividida em quatro núcleos: o primeiro se relaciona com vasos da Grécia; o segundo, com vasos de Maragogipinho, na Bahia, conhecido como o maior pólo ceramista da América Latina, com cerca de 150 olarias – Adriana visitou a cidade para investigar a produção local, cujas peças são caracterizadas pela pintura floral em tabatinga branca sobre a cerâmica avermelhada.

O terceiro núcleo está relacionado com a cerâmica chinesa da dinastia Song, incluindo um incensário raro que ela pegou emprestado com o museu Benaki. O quarto núcleo traz uma relação com tradição de Iznik, da Turquia, destacando os azuis vibrantes, um traço marcante desses trabalhos.

Paula Rego, *A primeira missa no Brasil*, 1993

Foto: Courtesy of Marlborough Fine Art



Adriana Varejão, *Mapa de Lopo Homem*, 1992

Foto: Vicente de Mello



A proposta de Varejão para a Gagosian de Atenas é uma reinterpretação da cerâmica como maneira de conectar o passado e o presente, resgatando os significados históricos e culturais dessa produção artística.

"Cada cerâmica conta uma história e carrega marcas de um contexto social e político. Meu trabalho é também uma forma de visitar essas narrativas e reimaginá-las", reflete a artista. *"Sempre me fascinou a maneira como diferentes civilizações usaram a cerâmica para contar histórias e transmitir símbolos de poder."*

SOBRE ADRIANA VAREJÃO

Adriana Varejão é uma das mais vigorosas artistas brasileiras da atualidade, sendo reconhecida internacionalmente pela sua linguagem visual inconfundível, marcada por elementos barrocos que se caracterizam pela paródia, paradoxo, tensão e excesso. As suas obras alargam frequentemente as fronteiras entre registros artísticos: pinturas com elaborados relevos escultóricos que irrompem da tela ou esculturas pintadas de forma teatral, ao mesmo tempo que abordam temas que desafiam premissas amplamente aceitas sobre arte e cultura. Desde a década de 1990 que o seu trabalho tem suscitado debates críticos sobre narrativas decoloniais, explorando a violência, o erotismo e o pluralismo da história do Brasil e as suas interligações com o resto do mundo.

Varejão expôs em museus do Brasil e de todo o mundo e suas obras estão presentes em acervos de grandes instituições públicas como: Tate Modern, Londres; Stedelijk Museum, Amsterdam; The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque; Solomon R. Guggenheim,

Nova Iorque; Dallas Museum of Art, Texas; Museum of Contemporary Art, San Diego; Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris; Fundació "la Caixa," Barcelona; Coleção Berardo, Centro Cultural Belém, Lisboa; Fundação de Serralves, Porto; Hara Museum of Contemporary Art, Tóquio; Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, São Paulo; MAR – Museu de Arte do Rio, entre outros.

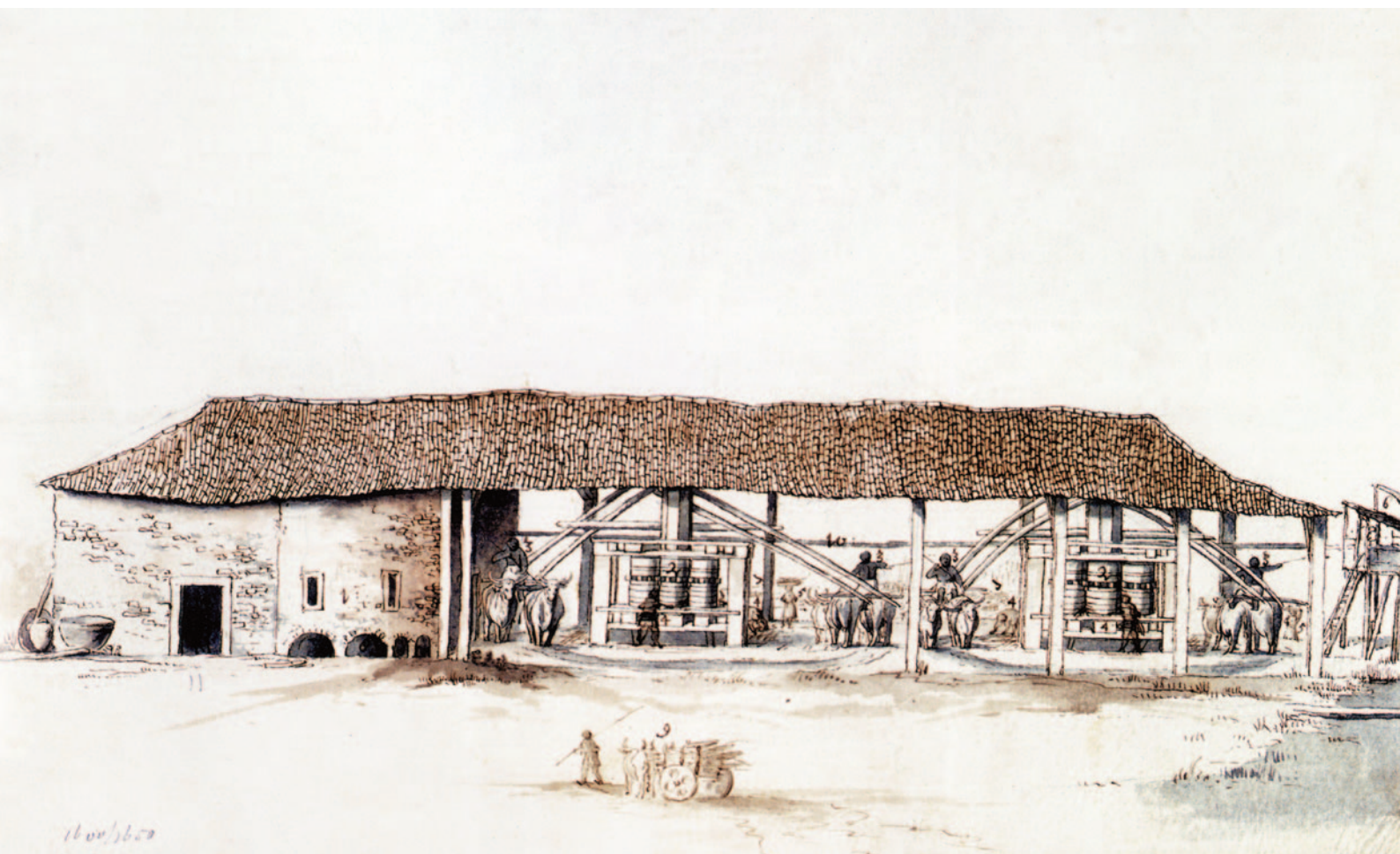
Mata Mata, frente, série Pratos, 2024

Foto: Vicente de Mello



O RIO É UMA CACHAÇA

*Mostra no Centro Cultural da PGE, no Rio de Janeiro,
conta a história da nobre bebida brasileira. Em imagens, verso e prosa*



Engenho de duas rodas movido por bois

Foto do livro *Frans Post, Obra completa*. Pedro e Bia Corrêa do Lago, Editora Capivara, p. 383

A exposição *“Cachaça, produto exclusivo do Brasil. Cachaças do Rio destilando sabor e cultura ontem, hoje e sempre”* conta a história do destilado brasileiro e destaca a configuração do Estado do Rio de Janeiro como Território da Cachaça de Qualidade, com marcas que se destacam no universo nacional e internacional de bebidas destiladas *premium*. A mostra é uma realização da Apacerj, a associação que representa os produtores de cachaça do estado.

A presidente da associação, Katia Alves Espírito Santo, destaca que *“a Cachaça compõe o cotidiano do brasileiro das mais variadas formas, sendo importante, entretanto, compartilhar dados da história e da técnica que resultaram em um produto genuinamente nacional e de notória especialidade no estado do Rio de Janeiro, com praticas sustentáveis e produtos premiados nos melhores concursos no Brasil e no exterior”*.

FLASHES DA HISTÓRIA

As primeiras mudas de cana-de-açúcar chegaram ao Brasil por mãos portuguesas, em 1502, dois anos após o descobrimento. Durante séculos considerada a bebida das classes menos favorecidas, foi conquistando os paladares mais refinados e hoje é reverenciada no Brasil e no mundo – é o terceiro destilado mais consumido no planeta; em 2024, o país produziu mais de 1,2 bilhão de litros.

Legitimada como produto tipicamente brasileiro somente no início dos anos 2000 – quando conquistou internacionalmente o direito absoluto do nome ca-

chaça – a bebida está intimamente ligada à história e à cultura do Brasil. Há quem afirme que D. Pedro I utilizou a cachaça para comemorar a Independência, e vale lembrar que o Movimento Modernista (1922) celebrou o “casamento da cachaça com a feijoada”. Os livros de Jorge Amado e as letras de Vinícius de Moraes e Chico Buarque são ótimos exemplos da relação íntima da cultura nacional com a bebida. Afinal, quem nunca ouviu músicas que têm a cachaça como *“ingrediente”*?

A exposição, que permanecerá no Centro Cultural da PGE até 21 de junho, é uma realização da Apacerj em parceria com o Centro Cultural PGE-RJ, e conta com o apoio da Firjan e do Sindbebi.

SERVIÇO

“Cachaça, produto exclusivo do Brasil. Cachaças do Rio destilando sabor e cultura ontem, hoje e sempre”

Até 21 de junho

Centro Cultural da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ), Antigo Convento do Carmo
Rua Primeiro de Março, S/N, Praça XV, Centro,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 10h às 18h, exceto feriados

<https://pge.rj.gov.br/centro-cultural>



Alambique de cobre para destilação de cachaça do século XVIII / XIX
Foto da coleção Marcos Monteiro

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868